

vida pastoral

setembro-outubro de 2024 – ano 65 – número 359



MÊS DA BÍBLIA 2024 LIVRO DE EZEQUIEL

“Colocarei em vocês o meu Espírito
e vocês reviverão” (Ez 37,14)

CONHECIMENTOS fundamentais para a interpretação DOS TEXTOS **BÍBLICOS.**



Para bem entender a Sagrada Escritura, os cristãos devem ser norteados por bons estudos em perspectiva histórica, geográfica, cultural, linguística e teológica.

Garanta grandes obras que enriquecerão sua jornada bíblica.

loja.paulus.com.br
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Como toda literatura, a Bíblia é, antes de tudo, um acontecimento oral, resultante de narrativas diversas, contadas e recontadas. Ao longo de muito tempo, essas narrativas foram tornadas letras e, posteriormente, textos canônicos.

A cultura bíblica é essencialmente oral. Sabe-se que os poetas e os profetas tinham muito em comum. Ambos eram inspirados por uma força sobrenatural, divina. Se o poeta era possuído pela musa, o profeta o era pelo deus. Para os gregos, o profeta era um porta-voz, alguém inspirado por um deus e que falava em nome desse deus. No mundo bíblico, o sentido é semelhante, o profeta é porta-voz de Deus. Ele comunica o que Deus ordena.

A palavra “profeta” significa aquele que anuncia ou proclama a mensagem de outrem. No entanto, os profetas bíblicos não eram apenas veículos de transmissão da palavra divina. Estavam, sim, a serviço dessa palavra, mas não passivamente, como meros repetidores.

De acordo com Schökel, “o profeta precisa elaborar os oráculos com o suor da sua fronte, como consciencioso artesão da palavra profética” (ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAS, J. L. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. Paulus, p. 16). De modo que, se nas confrarias de aedos e cantores gregos havia o treinamento para o domínio da língua poética, no mundo bíblico também há o esforço de aprimoramento do discurso. Como ministro da palavra e artista da linguagem, o profeta utiliza linguagem já elaborada, a qual ele continua enriquecendo. Sabe-se, pelos livros proféticos, quanto é fecunda a linguagem dos profetas bíblicos.

No caso do profeta Ezequiel, cujo nome significa “Deus fortalece”, ele se insere nessa mesma linhagem. Toda a sua profecia está carregada de metáforas poderosas. O contexto de seu ministério é o exílio na Babilônia (597 a.C.), quando foram levados para lá os primeiros exilados de Israel (família real, altos oficiais, anciões). De todo repertório que se pode conferir no livro de Ezequiel, destacam-se duas metáforas marcantes: *ossos secos* e *novo coração*.

Ezequiel tem a visão de um vale repleto de ossos totalmente secos, sem nenhuma possibilidade de vida. O profeta passeia por entre os ossos e não poupa detalhes, descrevendo o cenário carregado pela atmosfera da morte. Os ossos secos são o retrato do povo exilado, destituído de qualquer sinal de superação da crise em que vive, e no horizonte parece não haver esperança. O profeta faz ver que a esperança está em Deus: “Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão. Vou cobrir vocês de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão” (Ez 37,5-6).

A expressão *coração novo*, por sua vez, chama a atenção para a tomada de consciência sobre o porquê de Israel ter chegado àquela situação de tanto sofrimento. O motivo seria a infidelidade da “casa de Israel”, isto é, das autoridades e de todo o povo, que, ao invés de seguirem os preceitos de Deus, caíram na idolatria e em outros pecados. A saída do estado decadente e desolador dar-se-á mediante o poder e a bondade divina: “Darei a vocês um coração novo e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ez 36,26-27).

Assim como no vale de ossos secos e nos corações petrificados no livro de Ezequiel, nossa realidade atual está marcada por sinais de morte, guerras, crises climáticas e humanitárias. Que o Espírito sobre nos “cadáveres” gerados pela indiferença e por decisões frias, tomadas por corações petrificados em seus escritórios gelados. Que não nos falem profetas “artesãos da linguagem”, cheios do Espírito, corajosos e capazes de dizer palavras de esperança e transformação.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 65 - Nº 359
setembro-outubro de 2024



PAULUS

© PAULUS – 2024
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão

Alexandre S. Santana
Tatianne Francisquetti
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA
DAVÍDICA E DA TERRA DE ISRAEL:
ENTENDENDO O LIVRO DE EZEQUIEL 4
Prof. Shigeyuki Nakanose

QUEM É O VERDADEIRO PASTOR?:
UMA LEITURA DE EZEQUIEL 34,1-16 12
Profa. Maria Antônia Marques

ENTRE A DOR QUE DILACERA E A VONTADE DE VIVER:
A MEMÓRIA DE EZEQUIEL NO PÓS-GUERRA – “ABRE A
BOCA E COME O QUE TE ENTREGO” (Ez 2,8) 20
Profa. Cecilia Toseli

A ESPERANÇA QUE NASCE NUM VALE DE OSSOS SECOS:
EZEQUIEL 37 28
Prof. Luiz Alexandre Solano Rossi e Profa. Érica Daiane Mauri

ROTEIROS HOMILÉTICOS 35
Pe. Junior Vasconcelos do Amaral

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 30 reais.
- O acesso ao site continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 - Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

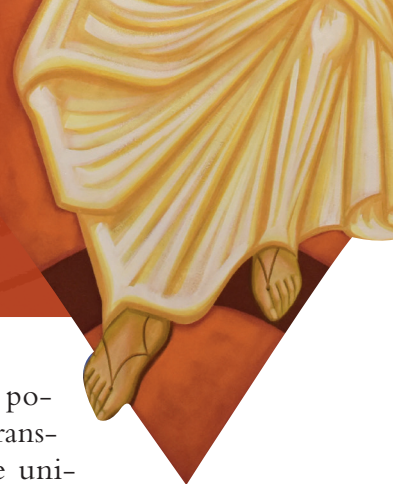
RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA DAVÍDICA E DA TERRA DE ISRAEL

Entendendo o livro de Ezequiel

Após a destruição de Jerusalém, o sacerdote-profeta Ezequiel, pertencente à elite da cidade, anima os deportados na Babilônia, descritos como “ossos secos” (Ez 37,1-16), e lhes prega a conversão (“novo coração”: Ez 11,14-21) e a restauração do povo pelo espírito de Deus, bom pastor (Ez 34,1-16); além disso, apresenta o projeto da reconstrução da monarquia davídica, com um novo rei fiel a Deus e um novo templo (Ez 37,21-28).



“Os exilados caíam em estado de desespero e sem perspectivas de futuro, sendo descritos como ‘ossos secos.’”



Na primeira deportação (597 a.C.), o profeta-sacerdote Ezequiel, pertencente à elite da cidade de Jerusalém, foi levado junto com o rei Joaquin/Jeconias de Judá para a Babilônia e se estabeleceu em Tel Abib, no canal do rio Cobar, um dos afluentes do Eufrates (1,3; 3,15). Entre os anos 593 e 571 a.C. (1,1; 29,17), ele exerceu sua atividade como profeta no meio dos primeiros exilados (família real, altos oficiais, anciões), animando, orientando e preparando-os para a restauração da monarquia davídica em Jerusalém (37,21-28). Após o exílio (538 a.C.), o grupo de Ezequiel instaurou a teocracia, instituindo o templo de Jerusalém como o local exclusivo de celebração de culto a Javé oficial, o centro administrativo e o local de arrecadação de tributo (40,1-48,35).

1. FORMAÇÃO

Ezequiel, cujo nome significa “El (o Deus supremo) fortaleça” ou “El é forte”, era sacerdote do templo de Jerusalém e profeta da corte, em oposição aos profetas do campo, como Miqueias e Jeremias. Sendo de família sacerdotal, foi formado na escola teológica da monarquia davídica. Por isso, o grupo de Ezequiel era marcado por pensamentos sociais e religiosos da casa davídica, moldados sobretudo pelo movimento deuteronomista, cujo início se deu no reinado de Ezequias (716-687 a.C.: 2Rs 18-20; Dt 12-26) e se intensificou no reinado de Josias (640-609 a.C.: 2Rs 22-23; Dt 4,44-28,68), com o objetivo principal de centralizar o culto no templo de Jerusalém em nome de Javé, Deus oficial de Judá. Eis aqui os princípios teológicos da escola davídica de Jerusalém:

- a) Javé oficial, Deus poderoso, glorioso e transcendente, presente unicamente no templo da cidade santa de Jerusalém (9,3; Is 6,1-5), escolhe Israel como seu povo (20,5; Dt 7,6).
- b) Aliança de Javé oficial com o povo eleito é um compromisso recíproco (retribuição). Se o povo observar a Lei de Deus, receberá a bênção (terra, fecundidade, segurança e bem-estar). Se pecar, a maldição abaterá o povo – por exemplo, com a invasão e a destruição de Jerusalém (16,59-60; Dt 28,1-46; Is 5,1-7). O processo básico da teologia tem os seguintes passos: a infidelidade (pecado) ao Senhor Deus Javé, o castigo, a conversão, a nova aliança e a restauração do povo!
- c) Condenação dos lugares altos e de outros deuses para impor o culto a Javé oficial e somente no templo de Jerusalém (6,1-10; Dt 13; 2Rs 23,8-14; Is 2,6-22).
- d) Condenação da infidelidade da cidade santa de Jerusalém, tomada por abominações – ídolos imundos e crimes (4,1-5,17; 8,1-10,17; 16,1-63; 22,1-24,14; 2Rs 23,4-7; Is 1,21-25).
- e) O Senhor Deus Javé se compromete com a dinastia davídica: Davi e seus herdeiros reinarão em Israel para sempre (34,23-24; 37,24-25; 2Sm 7,1-17; Is 11,1-9).
- f) O rei davídico deve governar o povo com o “direito e a justiça”, promovendo a paz, sobretudo para os pobres e sofredores (22,6-7; 34,1-31; Dt 24,14-22; Is 9,1-6; Is 32,1-5).
- g) Reunificação de Israel Norte com Judá (Sul) sob Javé oficial, com um só

rei davídico e um só templo, em Jerusalém (34,23; 37,15-28; 2Rs 23,15-20; Is 11,13).

São essas as ideias e as propostas básicas da teologia davídica (deuteronomista), que moldam as mensagens de Ezequiel e de seu grupo ao longo da sua atividade profética.

2. MENSAGENS E CONTEXTO HISTÓRICO

O rei Joaquim (609-597 a.C.), sucessor de Josias, maltratou o povo (Hab 1,2-4) e fez aliança com o Egito, em busca de poder e riqueza, provocando guerra contra a Babilônia. Durante o cerco do exército babilônico, ele morreu e seu filho, Joaquin, assumiu o trono. Três meses depois, este se rendeu e foi deportado para a Babilônia, junto com seus governantes. O profeta Ezequiel os acompanhou e exerceu sua atividade profética na colônia judaica montada ao lado do canal do rio Cobar. Para ele, o rei Joaquin era o verdadeiro continuador da dinastia davídica, e os primeiros judeus exilados eram o verdadeiro povo de Deus. No desterro, Ezequiel, chamado de “filho do homem” (“ser humano”, em hebraico), profetizou segundo a perspectiva teológica da monarquia davídica e conscientizou os primeiros exilados a respeito da situação de Jerusalém no reinado de Sedecias (597-587 a.C.), sucessor de Joaquin. Após a queda de Jerusalém em 587 a.C., o profeta tentou orientar os exilados, exortando-os a restaurar a monarquia davídica em Jerusalém.

Reinado de Sedecias

Sedecias, o rei empossado pela Babilônia, continuou a dominar o país, usando novamente de violência e opressão (34,2-4). Ele, com o apoio do partido pró-Egito, recorreu ao Egito e tentou romper com a Babilônia, exercendo uma política militarista e expansionista a serviço da concentração do poder e da riqueza:

a) O governo de Sedecias foi condenado pela prática opressora e violenta contra o povo sofrido. Para Ezequiel, o governante davídico, como bom pastor, deveria apascentar e defender seu povo, promovendo a justiça (22,1-31; 34,1-16).

b) A aliança com o Egito incluía a adoção de certas práticas religiosas desse povo. Ezequiel, defensor de Javé oficial, denunciou a presença das divindades estrangeiras no templo de Jerusalém: a “estátua rival”, denominada “ídolos imundos” (8,1-10,17; 14,1-11).

c) Javé abandonou o templo e a cidade de Jerusalém por causa da prática da idolatria (abominação) e dos crimes (22,17-31; 37,23) e exilou-se na Babilônia (10,1-11,25). Ele estaria no meio dos exilados (o rei Joaquin e seus oficiais), atestando que eles eram o verdadeiro povo eleito de Deus (3,12-15.22-23; 11,14-18).

d) A visão dos “quatro seres vivos”, atrelados ao carro de Javé na viagem para a Babilônia, lembra as estátuas de quatro rostos, presentes na entrada dos templos e palácios da Mesopotâmia (1,4-28). É a visão que exorta Javé como o Deus de Israel poderoso, glorioso e transcendente diante dos deuses babilônicos.

e) Ezequiel condenou as tentativas de Sedecias de sacudir o jugo do Império Babilônico (17,1-21). Qualquer tentativa de se insurgir contra a Babilônia poria em risco a vida dos primeiros exilados junto com o rei Joaquin, além de causar destruição ainda maior de Jerusalém, a cidade santa de Deus.

f) Ezequiel condena os falsos profetas da corte de Sedecias, que pregam a aliança com o Egito e a guerra contra a Babilônia (13,1-16; cf. Jr 28).

Período exílico

A segunda revolta de Judá, com o rei Sedecias, provocou a reação violenta e devastadora do exército de Nabucodonosor,

rei dos babilônios, em 587 a.C. O rei e seus governantes foram massacrados, a capital Jerusalém, com seu templo, foi devastada e o “resto” da população pobre de Jerusalém foi deportado (segunda deportação; cf. 2Rs 25,1-21). Os exilados caíam em estado de desespero e sem perspectivas de futuro, sendo descritos como “ossos secos” (37,1-2). No interior de Judá, com o esforço do grupo do profeta Jeremias, líder dos camponeses remanescentes, a terra de Judá foi distribuída aos pobres por Godolias, governador nomeado pela Babilônia, com a nova capital sendo estabelecida em Masfa (Jr 40,7-12), antigo santuário do Israel pré-monárquico (Jz 20,1; 1Sm 7,5; 10,17).

Durante o exílio na Babilônia, enquanto os pobres da segunda deportação tentavam sobreviver e sonhar com uma sociedade justa e fraterna, tendo como liderança e inspiração o “Servo sofrido” (Is 42,1-9; 52,13-53,12; 55,1-11), os primeiros exilados, sob a liderança de Ezequiel, procuravam manter sua fidelidade à aliança com Javé oficial, Deus glorioso e transcendente, fortalecendo e renovando a teologia oficial da monarquia davídica (deuteronomista):

a) Causa do desastre nacional: a destruição e o exílio aconteceram não porque Javé oficial, o Senhor Deus poderoso, fosse incapaz de proteger seu povo, mas devido ao pecado do próprio povo de Israel, sobretudo à infidelidade dos governantes de Jerusalém (8,1-18; 22,23-31).

Conforme a mentalidade da época, Javé oficial utilizou a Babilônia para castigar quem, quebrando a aliança com o Deus de Israel, praticava a abominação (6,1-14; 11,9-10).

b) Coração novo e nova aliança: Javé perdoa o pecado de Jerusalém e realiza a nova aliança com Israel na medida em que o povo assume um “coração íntegro e um novo espírito” (= entendimento e conversão: 11,19-21; 18,31; 36,26-27; 37,3-14), observando os estatutos e voltando ao Senhor Deus Javé.

c) Pureza no meio dos impuros: os exilados devem manter-se “puros” em terra estrangeira, observando os estatutos e as normas de Javé oficial: a circuncisão, o sábado, a lei da pureza etc. (20,18-20; 32,19-21; 36,16-25; 37,23).

d) Responsabilidade individual (14,12-23; 18,1-32): cada um será julgado e condenado por Deus conforme seus pecados (= não observância da lei da pureza). Apresentam-se as normas e os rituais de pureza como leis de Deus e ensina-se que o acesso à salvação exige que cada pessoa siga individualmente essas normas e rituais, independentemente do compromisso prático, social e comunitário, sobretudo com os necessitados (o pecado social e a salvação comunitária). Esse é o princípio da retribuição individual que moldará o farisaísmo no futuro.

e) Crítica contra os pobres remanescentes em

“Como pessoas cristãs, somos chamadas a ler a Bíblia dentro do contexto e a descobrir, nas diferentes cores, a mensagem do Deus da vida.”



Judá: Ezequiel condena os remanescentes de Jerusalém (Lm; Mq 4-5) e os camponeses remanescentes ao redor de Masfa (2Rs 25,12; Jr 39,10; 40,1-12), por pretenderem ser os herdeiros da terra santa (11,15; 33,23-29) para onde os exilados da primeira deportação, antigos latifundiários, esperam retornar no futuro. Pois os primeiros deportados se consideram o verdadeiro povo de Deus e os herdeiros legítimos da terra santa de Judá, contando com a presença de Javé no meio deles.

f) Javé, bom pastor: em meio à realidade sofrida dos exilados, provocada pelos maus pastores (os últimos governantes davídicos), Javé mesmo se torna pastor para proteger, conduzir seu povo à sua terra e apascentá-lo com direito e justiça (34,1-16).

g) Restauração do novo Israel: Ezequiel planeja a restauração da nova monarquia davídica, com o restabelecimento da aliança com Deus; a reunificação dos dois reinos sob o único pastor, o novo Davi; a restauração do novo “santuário” no meio do povo, no qual Javé oficial habitará para sempre, restabelecendo a aliança de paz (37,15-28). Historicamente, o projeto da nova monarquia davídica (Ag 2,20-23) foi reprimido pelo Império Persa, o novo senhor do mundo, e os sacerdotes assumiram também o poder político, configurando a teocracia.

Período pós-exílico

Após o exílio (538 a.C.), o grupo de Ezequiel, agora chamado *golá* (a elite repatriada), retornou para Judá, exigiu o direito sobre essa terra santa e estabeleceu a teocracia como comissário do Império Persa (Esd 1-7). Os teocratas reconstruíram e fortaleceram o sistema do templo com Javé, Deus único, a teologia da retribuição, a lei da pureza, os sacrifícios, a sacralização do sábado, as festas, as ofertas dos produtos da terra para Deus

Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos, para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do Império Persa, provocando o sofrimento do povo (cf. Is 66,1-4; Jó 24,1-12; Sl 73).

Para justificar o funcionamento da teocracia com o templo e a distribuição da terra santa, os teocratas, seguidores de Ezequiel, escreveram a utopia da nova Jerusalém e do povo restaurado com a presença de Javé, o Senhor Deus glorioso e transcendente (Ez 40-48):

a) Nova Jerusalém esplêndida e utópica (40,1-46,24): a cidade santa é descrita com o novo templo bem organizado, com seu altar, ministros, festas e sacrifícios.

b) Templo, a fonte da bênção de Deus (47,1-12): a água nascida do templo se torna um poderoso rio, que atravessa e fertiliza a região seca da terra, produzindo peixes, árvores, frutos e folhas medicinais. Historicamente, os sacerdotes filhos de Sadoc, que foram os primeiros a ser exilados na Babilônia junto com o rei Joaquin e o profeta Ezequiel, obtiveram privilégios culturais, materiais e políticos ao ocuparem o serviço principal do novo templo (44,4-31). Eles foram criticados pelo profeta Malaquias e acusados de desleixo e corrupção do culto (Ml 1,6-2,9).

c) A divisão da terra (47,13-48,35): o príncipe (descendente de Davi) deve garantir a divisão da terra (herança) como dom de Deus, uma vez que a sustentação econômica do governo consiste basicamente em cultos, festas e tributos arrecadados da herança do povo (45,13-17). A parte central do território é reservada para o Senhor Deus Javé glorioso e seus ministros teocratas (45,1-12; 48,8-22). A arqueologia confirma que mais de quarenta mil camponeses permaneceram em Judá, durante o exílio, organizando a vida em

clãs, tribos e aldeias comunitárias. Como no tempo da monarquia, eles iriam sofrer novamente com a política centralizadora e opressiva dos teocratas, em nome de Javé poderoso e castigador (Is 58,1-12). Possivelmente, nessa época os teocratas alteraram a lei do jubileu, dizendo que, após cinquenta anos – duração aproximada do exílio –, a terra deveria retornar a seus antigos donos (Lv 25,8-13).

d) A presença gloriosa de Javé: a mais importante afirmação de Ez 40-48 é a glória de Javé, que retorna e permanece na cidade santa de Jerusalém, renovada para sempre (43,1-9): “Javé aí está” (48,35). É a afirmação que justifica a legitimidade do poder dos teocratas, como o verdadeiro povo santo de Javé, sobre os pobres remanescentes em Judá.

3. REDAÇÃO E ESTRUTURA

O livro de Ezequiel apresenta uma série de trabalhos redacionais de vários grupos: repetições (3,17-21 = 33,1-9; 18,25-29 = 33,17-20); deslocamentos (3,22-27; 4,4-8; 24,15-27; 33,21-22); acréscimos posteriores (38-39 e 40-48). Existem pelo menos três grupos: a) oráculos e visões de Ezequiel que foram conservados, re-interpretados e acrescentados por seus seguidores, segundo a visão da teologia deuteronomista; b) instituição e legislação da nova Jerusalém utópica, escrita pelos teocratas, o grupo de Ezequiel do tempo pós-exílico (40-48); c) confronto entre Israel, o povo santo, e as potências do mal, em perspectiva escatológica (38-39). Em linhas gerais, o atual livro pode ser organizado da seguinte forma:

I. 1,1-3,21	II. 3,22-24,27	III. 25-32	IV. 33-39	V. 40-48
Vocação do profeta	Oráculos sobre a destruição de Jerusalém	Oráculos contra as nações	Oráculos de salvação para Israel	Visão da nova Jerusalém e do povo restaurado

4. UMA PALAVRA FINAL

A Bíblia não caiu do céu, mas nasceu na história e em diferentes contextos sociais. Com a formação deuteronomista, Ezequiel tentou exortar os primeiros exilados a restaurar a monarquia davídica para que estivesse a serviço do povo. Depois do exílio, a elite repatriada de Ezequiel estabeleceu a teocracia em Judá com o Senhor Deus Javé castigador, o templo e a lei da pureza, sob a política do Império Persa, que explorou e oprimiu os pobres e os sofredores (Jó 24,12). Essa teocracia moldaria mais tarde o sinédrio (com o templo de Jerusalém), no tempo de Jesus de Nazaré, e continuaria a explorar o povo sofredor em nome do Senhor Deus Javé (Mc 11,15-19).

O Segundo Isaías, no mesmo período de Ezequiel, conscientizou o grupo dos pobres exilados da segunda deportação a respeito da sua missão de ser “Servo” para construir uma sociedade solidária, justa e fraterna, sem monarquia (Is 42,1-9; 55,1-11). O sonho do Servo foi assumido e alimentado pelo grupo do Terceiro Isaías e por outros para projetar “um novo céu e uma nova terra” de paz e harmonia, um lugar onde a vida poderia ser vivida em plenitude (Is 65,17-25; cf. Ap 21,1). É o mesmo sonho das “bem-aventuranças” de Jesus de Nazaré de ontem e de hoje (Lc 6,20-23).

A Bíblia é uma colcha de retalhos costurada com tecidos de diferentes períodos e de diferentes grupos. Alguns têm as cores

da vida do povo das aldeias, outros as cores da monarquia ou da teocracia. Como pessoas cristãs, somos chamadas a ler a Bíblia dentro do contexto e a descobrir, nas diferentes cores, a mensagem do Deus da vida. A mensagem da vida em plenitude válida para todos os tempos. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Leslie C. *Ezekiel 1-19*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1994. (Word biblical commentary, v. 28).
- ALLEN, Leslie C. *Ezekiel 20-48*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1990. (Word biblical commentary, v. 29).
- BLINKINSOPP, Joseph. *Ezekiel*. Louisville: John Knox Press, 1990. (Interpretation: a Bible commentary for teaching and preaching).
- DARR, Kathryn P. The book of Ezekiel: commentary and reflections. In: KECK, Leander E. et al. *The new interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon Press, 2001. v. 6.
- DIETRICH, Luiz J.; NAKANOSE, Shigeyuki (org.). *Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria A. (Centro Bíblico Verbo). *A lei a favor da vida?: entendendo o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, 2020.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria A. (Centro Bíblico Verbo). *Terra de Deus, terra de irmãos?: entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.
- PEDRO, Enilda de P. O Servo de Javé, uma nova liderança: “Não apagará o pavio que está para se apagar” (Is 42,3). *Vida Pastoral*, São Paulo, n. 238, p. 11-16, 2004.

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço da pastoral bíblica junto ao povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

CURSOS INTENSIVOS E EXTENSIVOS

(presencial e *on-line*)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

SERVIÇOS ÀS IGREJAS LOCAIS E OUTRAS ENTIDADES

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades no Brasil e em outros países.

PRODUÇÃO

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: Livro; “Bíblia Gente” (*Site*); Vídeo (*YouTube*); Artigo (*Blog e site*) etc.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187.1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página:

www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo

Maria Antônia Marques*

*Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br

Quem é o verdadeiro pastor?

Uma leitura de Ezequiel 34,1-16



O artigo apresenta uma reflexão sobre Ez 34,1-16. Por meio da metáfora do pastoreio, o sacerdote-profeta denuncia os pastores/governantes de Judá por suas injustiças e exploração e anuncia que o próprio Deus irá pastorear seu povo segundo a justiça e o direito.

O livro do profeta Ezequiel testemunha os últimos acontecimentos do Reino de Judá, a queda de Jerusalém, o período do exílio e as propostas de restauração. Ezequiel era um sacerdote do templo, formado na escola de Jerusalém, segundo os princípios da casa davídica. De acordo com suas convicções, o rei deveria promover a justiça e o direito. O sacerdote-profeta foi levado para a Babilônia, em 597 a.C., com o rei Joaquin, a família do rei, o grupo dirigente e alguns notáveis (JENSEN, 2006, p. 190). Na Babilônia, em Tel Abib, ele se torna profeta. Seus oráculos são datados entre 593 e 571 a.C. (Ez 1,1; 29,17).

Neste artigo, vamos refletir sobre o capítulo 34,1-16: denúncia contra os pastores de Israel, provavelmente escrito depois da queda de Jerusalém, em 587 a.C. Para melhor compreender essa condenação dos pastores de Israel, começaremos buscando entender o papel do pastor no Antigo Oriente e, em seguida, comentaremos o texto e sua aplicação no Evangelho de João 10 e para nossos dias.

1. ENTENDENDO A FUNÇÃO DO PASTOR

No Antigo Oriente, a imagem do pastor e sua função eram conhecidas por todos. O pastor conduz os rebanhos tanto para as pastagens como para a água. Ele os conduz também ao abrigo, por ocasião do mau

tempo, e os defende dos animais de rapina e dos bandidos. Relatos mostram haver uma relação íntima e especial entre o pastor e seu rebanho: “Ele (pastor) chama cada uma de suas ovelhas pelo nome e as conduz para fora. Depois que levou todas as suas ovelhas para fora, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (Jo 10,3-4).

O título de pastor era aplicado aos reis e aos deuses no Antigo Oriente. Na Assíria e na Babilônia, era uma atribuição dada aos governantes, cujo dever era conduzir seu povo como pastor sábio e humilde. A imagem do pastor também era usada para as divindades. Por exemplo, na religião do Egito, que era politeísta e dominava todos os aspectos sociais egípcios, Khnum, representado por um homem com a cabeça de um carneiro, era deus pastor e das nascentes e das cheias do rio Nilo.

Em Israel, o título de pastor era dado aos dirigentes, como os anciões e juízes, autoridades do povo: “Em todo o tempo que andei com todos os filhos de Israel, acaso falei uma palavra a um dos chefes de Israel, que estabeleci apascentar (como pastor) a meu povo Israel [...]?” (2Sm 7,7-8). Nos últimos anos da monarquia, o título de pastor era diretamente atribuído aos reis. No desastre nacional (597-587 a.C.), por exemplo, os

“Em Israel, o título de pastor era dado aos dirigentes, como os anciões e juízes, autoridades do povo.”



profetas aplicaram o título de pastor aos governantes das nações inimigas que invadiram e destruíram Judá:

Gemam, pastores, gritem! Rolem na poeira, chefes do rebanho! Pois chegou para vocês o dia da matança, o dia de serem expulsos um para cada lado. Vocês cairão como carneiros escolhidos. Não há escapatória para os pastores, nem saída para os chefes do rebanho. Ouçam os gritos dos pastores, o urro dos chefes do rebanho! Porque Javé destruiu suas pastagens. Os prados tranquilos foram devastados, por causa da ardente ira de Javé (Jr 25,34-37).

2. CONDENAÇÃO DOS PROFETAS AOS GOVERNANTES

Os profetas aplicaram o título de pastor também aos governantes de Judá, reprovando-lhes o mau cumprimento de suas funções de pastor:

Ai dos pastores que destroem e dispersam o rebanho na minha pastagem – oráculo de Javé. Por isso, assim diz Javé, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam meu povo: Vocês dispersaram e expulsaram minhas ovelhas e não se preocuparam com elas. Pois agora sou eu que vou pedir contas a vocês do mal que praticaram – oráculo de Javé (Jr 23,1-2).

Os profetas acusam os últimos governantes de maus pastores. Em vez de apascentar o rebanho, os pastores de Judá exploraram o povo e causaram guerra, destruição e exílio,

por causa da cobiça do poder e da riqueza, pondo os exilados em uma situação de desolação: “Os pastores perderam o bom senso e deixaram de procurar Javé. Por isso não tiveram sucesso, e o rebanho que eles conduziam se espalhou. Ouçam o barulho que avança com grande estrondo lá da terra do norte. Ele vem fazer das cidades de Judá um lugar arrasado, um abrigo de chacais” (Jr 10,21-22).

Em meio a essa realidade de sofrimento e abandono no exílio, Javé mesmo é chamado de pastor que resgata, protege e conduz os exilados para sua terra santa:

“Eu (Javé) mesmo vou reunir o resto de minhas ovelhas de todas as terras para onde eu as tinha expulsado. Vou trazê-las de volta para seus currais, para que cresçam e se multipliquem” (Jr 23,3).

“Como um pastor, ele (Javé) cuida do rebanho, e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Salva o teu povo e abençoa a tua herança, apascenta-o e conduze-o para sempre! (Sl 28,9).

O próprio Javé se apresenta como pastor que juntará as ovelhas dispersas, para conduzi-las ao mais alto dos montes de Israel, a cidade santa de Jerusalém. Ele é o pastor da restauração que reúne as ovelhas exiladas e sofredas, as conduz à sua própria pastagem, cuida das feridas, apascenta-as e as acolhe: “Ainda que eu caminhe por vale tenebroso, não temerei mal nenhum, porque tu estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me

deixam tranquilo. Preparas a mesa para mim, diante dos meus inimigos; unges minha cabeça com perfume, e minha taça transborda” (Sl 23,4-5).

Javé, o bom pastor, é descrito em Ez 34,1-16 com riqueza de detalhes. No meio da destruição, do exílio e do sofrimento do povo, há forte denúncia contra os últimos pastores governantes de Judá por seus crimes. O profeta anuncia que o pastor será substituído e o próprio Javé, como bom pastor, resgatará e conduzirá seu povo.

3. Ez 34,1-16: JAVÉ, BOM PASTOR, RESGATA E CONDUZ SEU POVO

A injustiça praticada pelos últimos governantes de Jerusalém teve como consequência violência, roubo, exploração dos pobres, opressão dos fracos – assim denuncia Ezequiel (22,1-31). A função dos governantes era liderar o povo para a realização do projeto de Deus na justiça e na fraternidade, mas, por causa da cobiça do poder e da riqueza, eles foram infiéis à sua missão.

Ezequiel 34 evidencia a traição dos governantes, utilizando-se da imagem de maus pastores: “A palavra de Javé veio a mim nestes termos: ‘Filho do homem, profetize contra os pastores de Israel, dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos! Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar?’” (34,1-2). O uso da metáfora de pastor é aplicado aos governantes da monarquia davídica, e o povo é o rebanho.

A função do pastor é cuidar das ovelhas, fornecer alimento e água e afastar os perigos. Porém, os governantes apascentam a si mesmos e se preocupam somente com sua riqueza, bem-estar e mordomia: “Vocês bebem o leite, vestem a lã, sacrificam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho” (34,3). É a mesma mordomia dos governantes, já denunciada pelo profeta Amós há quase dois séculos: “Deitam-se em camas de marfim.

Restauração da monarquia davídica e da terra de Israel Entendendo o livro de Ezequiel

Centro Bíblico Verbo



Imagens meramente ilustrativas.

Este livro traz roteiros de encontros para a reflexão sobre o livro de Ezequiel, propondo o aprofundamento de importantes temas, como as injustiças perpetradas pelas autoridades de Jerusalém contra o povo.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

Esparramam-se em cima de sofás, comendo cordeiros do rebanho e novilhos cevados em estábulos. Bebem canecões de vinho, usam os mais caros perfumes, sem se importar com a ruína de José” (Am 6,4.6).

4. AI DOS PASTORES DE ISRAEL!

Os pastores governantes, em vez de cuidarem de suas ovelhas, praticam opressão e violência contra elas: “Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não curam as que estão doentes, não tratam as feridas daquelas que sofrem fratura, não trazem de volta aquelas que se desgarraram e não procuram aquelas que se extraviaram. Pelo contrário, vocês dominam sobre elas com violência e opressão” (34,4). Esse versículo sintetiza a denúncia contra os pastores. Os mesmos termos são utilizados pelo profeta Habacuc na crítica contra os últimos reis de Judá: “Por que me fazes ver o crime e contemplar a injustiça? Opressão e violência estão à minha frente; surgem processos e se levantam rixas” (Hab 1,3).

São exatamente os governantes de Jerusalém, que deveriam cuidar do povo, os acusados de exploradores do povo. Em vez de promoverem e fortificarem Judá a serviço do povo, eles, por sua política militarista, ambiciosa e desastrosa, causaram a ruína e o exílio à nação. Para o grupo de Ezequiel, a infidelidade, a violência e a opressão dos governantes da monarquia davídica provocaram a ira e o castigo de Deus: o desastre nacional.

“A função do pastor é cuidar das ovelhas, fornecer alimento e água e afastar os perigos. Porém, os governantes apascentam a si mesmos e se preocupam somente com sua riqueza, bem-estar e mordomia.”

A aliança entre Javé e seu povo foi quebrada por causa da falsidade e da ambição dos pastores, provocando a dispersão das ovelhas: “Por falta de pastor, minhas ovelhas se espalharam e se tornaram pasto de feras selvagens. Minhas ovelhas se espalharam e vagaram sem rumo pelos montes e morros. Minhas ovelhas se espalharam por toda a terra, e ninguém as procura para cuidar delas” (34,5-6; cf. Is 42,22).

O profeta continua a salientar os descuidos dos pastores governantes com seu povo:

“Por isso, vocês, pastores, ouçam a palavra de Javé: Juro por minha vida – oráculo do Senhor Javé: Minhas ovelhas se tornaram presa fácil e servem de pasto para as feras selvagens. Elas não têm pastor, porque meus pastores não se preocupam com meu rebanho; ficam cuidando de si mesmos, em vez de cuidarem do meu rebanho” (34,7-8).

Mostrar Javé fazendo um juramento indica que a situação é muito séria. Os maus pastores, em vez de servirem as ovelhas, preocupam-se exclusivamente com seus próprios interesses e vantagens. Como resultado, as ovelhas são feridas e mortas pelas feras selvagens. Ou seja, o povo é derrotado, morto e deportado pelos invasores em 597 e 587 a.C.

5. JAVÉ REPROVA OS MAUS PASTORES

Após denunciar os crimes dos pastores e a situação das ovelhas, Javé anuncia a condenação contra os governantes de Jerusalém:

“Por isso, pastores, ouçam a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé: Vou me colocar contra os pastores. Vou pedir contas a eles sobre meu rebanho, e não deixarei mais que eles cuidem do meu rebanho. Desse modo, os pastores não ficarão mais cuidando de si mesmos. Eu lhes arrancarei da boca as minhas ovelhas, e elas não servirão mais de pasto para eles” (34,9-10).

Há uma mensagem clara e repetida: Deus posiciona-se contra a autoridade que toma conta de si mesma, e não do bem-estar do povo.

Agora, diante da situação sofrida do povo sem pastores, Javé mesmo irá intervir e juntar as ovelhas espalhadas, como bom pastor:

“Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas. Como o pastor conta seu rebanho quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei minhas ovelhas e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros. Eu as retirarei do meio dos povos e as reunirei das outras terras, e as trarei de volta para sua própria terra. Aí, eu próprio cuidarei delas como pastor, nos montes de Israel, nos vales dos córregos e em todas as regiões habitáveis da terra” (34,11-13).

A expressão “dias nebulosos e escuros” designa o dia de Javé, a dispersão causada pela invasão e exílio de Judá em 597 a.C. e pela sua destruição e exílio em 587 a.C.: “Judá foi para o exílio, humilhada e em dura escravidão; foi habitar entre as nações, onde não encontra mais repouso” (Lm 1,3).

Javé é o verdadeiro pastor do povo ferido e exilado; reúne os perdidos, conduz-os à sua própria pastagem, cura suas feridas, guarda-os no direito:

“Vou levá-las para pastar nas melhores invernadas, e seu curral ficará no mais alto dos montes de Israel. Aí elas poderão repousar em curral bom, e terão pastos abundantes sobre os montes de Israel. Eu mesmo conduzirei minhas ovelhas – oráculo do Senhor Javé. Procurarei aquela que se perder, trarei de volta aquela que se desgarrar, curarei a que se machucar, fortalecerei a que estiver fraca. Quanto à ovelha gorda e forte, eu a guardarei. Apascentarei conforme o direito” (34,14-16).

Tire suas dúvidas sobre Bíblia

159 respostas esclarecedoras

José Bortolini



228 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Contém respostas a 159 perguntas que o povo fez em torno da Bíblia. Trata-se daquelas questões mais comuns, aquilo que se ouve dizer no portão de casa, nas ruas ou nos encontros comunitários.



**Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!**

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

Em relação à expressão “quanto à ovelha gorda e forte, eu a guardarei”, outra versão seria: “a ovelha gorda, a ovelha forte, eu a eliminarei”. A frase deve ser traduzida e interpretada à luz dos versículos seguintes (34,17-22), em que se trata da atitude das ovelhas umas para com as outras. As ovelhas gordas, que não seguem a justiça de Deus e exploram o povo, buscando seus próprios interesses, serão eliminadas da comunidade restaurada pelo próprio pastor Javé (cf. Mt 25,32-33).

A leitura de Ez 34,1-16 confirma que Javé, o bom pastor, resgatará seu povo e o trará de volta à sua terra, Judá, restabelecerá seu reino sobre os “montes altos”, ou seja, Jerusalém, no qual ele próprio reinará e guardará suas ovelhas no “direito” (justiça e ordem).

6. “ERAM COMO OVELHAS SEM PASTOR”

O alerta de Ezequiel 34 aos maus pastores continua válido para todas as situações nas quais os pastores buscam seus próprios interesses e privilégios. Em meio à realidade de opressão, perseguição e sofrimento, a comunidade do Evangelho de João deseja ser conduzida por Jesus, o Bom Pastor. De acordo com sua visão, o bom pastor deve cultivar um relacionamento de amor e de proximidade com suas ovelhas: “as ovelhas ouvem a sua voz; ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome” (Jo 10,3; cf. Jo 20,16).

O bom pastor deve proteger e conduzir suas ovelhas: “Depois que levou todas as suas ovelhas para fora, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz” (Jo 10,4). O líder deve conduzir, apascentar e proteger a vida do povo, e não abandoná-lo na dificuldade, em vista de seu próprio proveito. O bom pastor deve ser passagem – a porta – para novas pastagens. Os pastores e pastoras que seguem Jesus são aqueles que entram pela porta da gratuidade, da partilha e da justiça, que faz brotar a vida.

Os maus pastores, em vez de servirem as ovelhas, preocupam-se exclusivamente com seus próprios lucros e interesses (Ez 34,7-8). Enquanto os governantes do império e os judeus fariseus, chamados de “ladrão e assaltante” (Jo 10,1), se ocupam apenas com seus próprios interesses, a missão de Jesus como pastor está a serviço da vida plena da humanidade, com o amor e a fraternidade (Jo 13,1-15). Um amor capaz de amar até a ponto da entrega da própria vida em vista de vida em abundância (Jo 10,10).

Ouvir a voz do Pastor é engajar-se no mesmo projeto. É comprometer-se com o projeto da justiça imortal até o fim: “Minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. Eu dou vida eterna para elas, e elas nunca morrerão. Ninguém vai tirá-las da minha mão” (Jo 10,27; cf. Sb 1,13-15). Lembremos sempre que viver a fé no Bom Pastor Jesus Cristo é fazer-nos próximos uns dos outros e ocupar-nos das necessidades urgentes e inadiáveis de quem sofre.

DEUS E JESUS: ESPELHOS PARA A LIDERANÇA CRISTÃ

Os princípios de pastoreio apresentados por Ezequiel 34 e retomados pelo Evangelho de João são válidos para todos os tempos. Trata-se de leitura que provoca uma revisão de como estamos exercendo nossa liderança. Olhamos com dor e tristeza nossos governantes civis, que, muitas vezes, exploram o povo de acordo com seus interesses. É ainda muito pior quando vemos nossos líderes – bispos, padres e pastores – envolvidos em escândalos ou acomodados, preocupados unicamente com seu bem-estar social e econômico.

Qual a forma ideal para uma liderança cristã? É sempre um desafio. Acima de tudo, é preciso cultivar uma mística de encontro com Deus e com nossas irmãs e irmãos. É preciso conhecer bem a realidade das pessoas com as quais estamos comprometidos. Usando da metáfora de Ezequiel e João, é

preciso apontar novas pastagens para as ovelhas. Somos chamados e chamados a defender e promover a vida humana em todas as suas dimensões, assumindo o mesmo projeto de Jesus: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

É importante que uma liderança cristã seja capaz de entrega, doação de si e compaixão. Compadecer-se é sentimento que se expressa em gestos concretos. Outro elemento fundamental para ser bom pastor ou boa pastora é a capacidade de relacionamento, percebendo cada pessoa em sua realidade concreta. Abrir a mente e o coração para todos e todas.

Infelizmente, em nossa sociedade, ainda presenciamos muita falta de empatia com pessoas anciãs, com os sem-teto, doentes, estrangeiros, LGBTQIA+. O cuidado deve se estender a todas e a todos. Ninguém é excluído. Que Deus, o bom pastor, nos dê a capacidade de “apascentar conforme o direito” (Ez 34,16).

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1989.

BLENKINSOPP, Joseph. *Ezekiel*. Louisville: John Knox Press, 1990. (Interpretation: a Bible commentary for teaching and preaching).

DARR, Kathryn P. The book of Ezekiel: commentary and reflections. In: KECK, Leander E. et al. *The new interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon Press, 2001. v. 6.

DIETRICH, Luiz J.; NAKANOSE, Shigeyuki (org.). *Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.

JENSEN, Joseph. *Dimensões éticas dos profetas*. São Paulo: Loyola, 2006.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

SICRE, José Luis. *Com os pobres da terra: a justiça social nos profetas de Israel*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

Uma introdução aos livros proféticos

Nilo Luza



Imagens meramente ilustrativas.



O quarto bloco da Bíblia católica é composto pelos livros dos profetas, que, neste livro, são contextualizados e explicados de maneira abrangente e introdutória.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

Cecilia Toseli*

* Cecilia Toseli é doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Sua tese, intitulada *Entre o fim e a continuidade: a memória norte-israelita do exílio de Samaria – história, tradição e literatura*, recebeu o Prêmio Capes de Tese (menção honrosa), 2023. Assessora cursos bíblicos junto a comunidades eclesiais de base e movimentos sociais.
E-mail: cecilia.toseli@gmail.com



Entre a dor que dilacera e a vontade de viver: a memória de Ezequiel no pós-guerra

“Abre a boca e come o que te entrego” (Ez 2,8)



O livro de Ezequiel pode ser lido como um relato de sobrevivente sobre a tomada de Jerusalém pelos babilônios entre 597 e 587 a.C. Versos de julgamento, com expressões de crescente violência, mostram dor extrema e incapacidade de entender a realidade brutal. Versos de consolação, com expressões de fé e esperança, revelam o segredo da sobrevivência. A comunidade de Ezequiel tenta superar o trauma da guerra.

“No conjunto, podemos perceber, por trás das palavras do livro de Ezequiel, uma experiência aterrorizante de mulheres, crianças e homens que viveram a dor e a violência de invasões militares, fome, doenças, mortes, destruições e deportações de uma guerra.”



INTRODUÇÃO

O livro de Ezequiel pode ser lido como um relato de sobrevivente da tomada de Jerusalém pelos babilônios entre 597 e 587 a.C. No bloco dos capítulos de Ez 1 a 24, predominam versos de julgamento contra Judá, que anunciam a destruição iminente de Jerusalém. No bloco dos capítulos de Ez 33 a 48, predominam versos de consolação, que pressupõem a ocorrência da catástrofe e projetam um futuro promissor. A ligação entre os dois blocos é a referência à queda de Jerusalém. Assim, em Ez 24,25-27, é anunciada a futura chegada de um fugitivo de Jerusalém que trará a notícia da queda da cidade. Em Ez 33,21-22, finalmente, chega o fugitivo, anunciando que “a cidade foi tomada”. Entre esses dois blocos, há vários capítulos que se dirigem contra nações estrangeiras (Ez 25 a 32) (HALS, 1989).

No conjunto, podemos perceber, por trás das palavras do livro de Ezequiel, uma experiência aterrorizante de mulheres, crianças e homens que viveram a dor e a violência de invasões militares, fome, doenças, mortes, destruições e deportações de uma guerra:

“o povo comerá com angústia o pão minguido e beberá apavorado a sua água medida” (4,16).

“A terça parte dos teus habitantes morrerá pela peste e perecerá de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em torno de ti; finalmente, a outra terça parte a espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás deles” (5,12).

“Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado” (37,11).

Ao mesmo tempo, a comunidade de Ezequiel mantém sua fé em Javé, afirmando a esperança em um futuro melhor:

“Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e escuridão” (34,12).

“Eles não voltarão a servir de presa às nações e as feras não os devorarão. Habitarão tranquilos, sem que ninguém os amedronte” (34,28).

“Eis que abrirei os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel” (37,12).

Em geral, os versos de julgamento e os versos de consolação são interpretados separadamente, associados a fases distintas da vivência da comunidade de Ezequiel. Os versos de julgamento são relacionados ao período próximo à guerra e às deportações, como uma advertência diante de iminente catástrofe (33,10-11). Como não teria havido arrependimento nem conversão, de acordo com o relato, veio o castigo: Javé determinou a destruição de Jerusalém e a deportação do povo para a Babilônia. Então, os versos de consolação costumam ser associados a um

período posterior à catástrofe, para fortalecer a fé e a esperança na volta do desterro e na restauração do templo e da cidade de Jerusalém.

Proponho, aqui, uma interpretação conjunta dos versos de julgamento e de consolação, situando-os em um período posterior à catástrofe. Nesse sentido, eles são consideradas partes integrantes de uma mesma resposta típica de sobreviventes de guerras. Nosso olhar se detém, então, no efeito prolongado dos horrores das invasões e deportações babilônias em Jerusalém. Mesmo após o fim do conflito armado, há uma dor dilacerante, persistente e perturbadora que atinge a todos, durante muito tempo. Esse efeito específico da guerra em um povo pode ser chamado de trauma coletivo (CARR, 2011). Vejamos como a comunidade de Ezequiel buscou superar o trauma da guerra. A primeira reação dos sobreviventes é o “silêncio”.

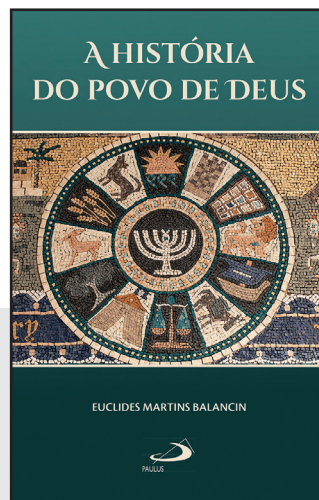
1. “SEM PALAVRAS”

Eventos históricos como invasões militares, fome, pestes, massacres, deportações e destruições decorrentes de guerras são realidades cuja violência e horror afetam a capacidade humana de atribuir significado aos acontecimentos. As vítimas de uma guerra vivem um tipo específico de sofrimento, extremo, que geralmente afeta a memória e o comportamento das pessoas por gerações. Esse tipo de sofrimento pode ser definido como trauma. O trauma se caracteriza por ser uma dor tão intensa, profunda e perturbadora, que as pessoas afetadas têm dificuldade ou mesmo incapacidade de falar e pensar diretamente sobre a experiência de violência e horror que vivenciaram (CARR, 2011; FRECHETTE; BOASE, 2016).

Nesse sentido, uma cena muito expressiva no livro de Ezequiel é aquela em que Javé obriga o profeta a “comer o rolo” que continha “lamentações, gemidos e prantos” (POSER, 2016). Diz Javé: “Abre a boca e

A história do povo de Deus

Euclides Martins Balancin



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A história do povo de Deus contada na perspectiva da organização e mobilização de grupos que desejam construir uma sociedade em que haja liberdade e vida para todos.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

come o que te entrego”; “Filho do homem, ingere este rolo que te estou dando e sacia-te com ele” (2,8-3,3). Ao “comer o rolo”, Ezequiel sentiu-se “amargurado”, “consternado” (3,14-15). Pouco depois, Javé anuncia: “Pregarei a tua língua ao teu palato, ficarás mudo [...]” (3,26).

De fato, ao longo dos capítulos 1 a 24, em imagens cada vez mais violentas, constata-se que o profeta já não suporta ver o cerco de Jerusalém, o massacre dos habitantes, a conquista e a destruição da cidade. Ele fica mudo diante dos horrores da guerra. Sem palavras. Ele desvia o olhar diante do que está para acontecer (POSER, 2016, sobre Ez 9-10; 24-25). Essa é uma reação típica diante de eventos de extrema violência. Resta-lhe somente o gemido: “E tu, filho do homem, geme com o coração partido e com amargura, geme aos seus olhos” (21,6[11]).

Assim, “comer o rolo” pode representar, para a comunidade de Ezequiel, a necessidade dramática de aceitar a destruição de Jerusalém como um fato. Afinal, somente após ouvir a notícia da queda de Jerusalém, Javé “abriu-me a boca e fiquei livre da minha mudez (33,21-22). A partir de então, predominam, no texto, os versos de consolação. Ou seja, o passado não se modifica. Contudo, para conseguir seguir em frente, é preciso “digerir”, confrontar a dura realidade dos fatos, “abrir a boca” e falar sobre a própria dor, atribuir um sentido à catástrofe e integrá-la à própria história. Como a comunidade de Ezequiel “falou” sobre o

terror de deportações, fome, sede, doenças, massacres? Como contou sua história? Que sentido atribuiu à catástrofe?

2. VERGONHA E CULPA

A comunidade de Ezequiel falou de seu passado como uma história de erros, culpa e vergonha, desde o começo da aliança com Javé (20,5-6). Muitas foram as advertências proféticas, mas persistiram no erro e não se arrependeram. Por isso, foi justo, merecido e inevitável o castigo divino que se abateu sobre esse povo “rebelde” (2,6; 3,9):

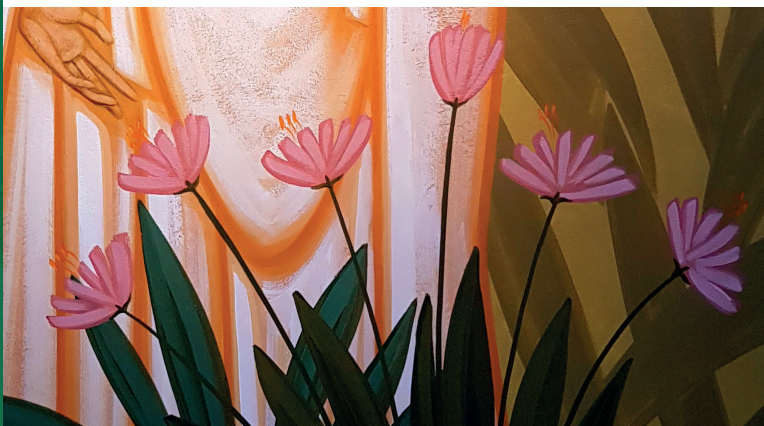
“Sim, atirarei a fome e animais ferozes que vos deixarão sem filhos; a peste e o sangue passarão pelo meio de ti; trarei a espada contra ti. Eu, Javé, o disse” (5,17; cf. 16,42; 21,8[1-12]).

“Tornar-te-ás objeto de escárnio e zombaria [...]. Ficarás cheia de vexame e de embriaguez. Receberás uma taça de horror e desolação. [...], roerás os seus cacos e dilacerarás teus peitos, porque eu o disse” (23,32b-34).

Essa foi a explicação apresentada em Ezequiel para a catástrofe que se abateu sobre Judá com a invasão dos babilônios.

Naquela época, dizer que a catástrofe de Jerusalém fora castigo de Javé era uma maneira de dar sentido aos horrores da guerra. Significava afirmar que o imenso poder visto na avassaladora destruição de Jerusalém continuava nas mãos do Deus de Judá. Ele não

“As vítimas de uma guerra vivem um tipo específico de sofrimento, extremo, que geralmente afeta a memória e o comportamento das pessoas por gerações.”



havia sido derrotado. Os babilônios e seus deuses eram apenas instrumentos nas mãos de Javé. Ademais, assim como Javé tem o poder de destruir, ele tem o poder de reconstruir a vida de seu povo (33,10-11). Desse modo, acreditava-se que ainda podia haver alguma esperança em meio a tamanha desolação.

Ao mesmo tempo, os versos de julgamento fazem recair sobre o povo toda a culpa, humilhação e vergonha pela catástrofe. Essa era uma maneira de dizer que Javé continuava a ser um Deus justo e inocente, pois o castigo fora merecido. Javé, ele, sim, fora vítima do abandono do seu povo. Inocentar Javé e apresentá-lo como vítima, de alguma maneira, transmitia aos sobreviventes a percepção de que Javé era o único capaz de se solidarizar com a dor e o abandono que sentiam. Ele era o único capaz de reconhecer o sofrimento de uma comunidade que nem sequer conseguia falar (POSER, 2016).

Embora pareça contraditório, desse modo se recompunha a imagem de Javé como um Deus em quem se podia confiar, apesar da violência e brutalidade do seu castigo. E insistir na própria culpa era uma maneira de entender a “causa” do desastre e assumir algum “controle” sobre uma realidade caótica, imprevisível e sem explicação razoável (CARR, 2011; FRECHETTE; BOASE, 2016).

O trauma das deportações e dos horrores da guerra tem outro efeito prolongado: a atitude de “fechamento” das vítimas em seus próprios grupos.

3. NÓS VERSUS ELES

Pessoas que sofrem traumas coletivos tendem a polarizar as relações sociais na dinâmica “nós versus eles”. Por exemplo, quando pessoas deportadas são estabelecidas em um único local, o assentamento é considerado, muitas vezes, um lugar de purificação do sofrimento e de identidade. Então, as pessoas que não pertencem a esse grupo ou assentamento são consideradas impuras ou até

Sofrimento e esperança na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi /
Valmor da Silva / (orgs.)



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Para os cristãos, o sofrimento humano é superado pelo amor de Jesus Cristo. Entre sofrimento e esperança, caminha a humanidade. A obra abrange uma visão panorâmica desses temas na Bíblia.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

“As expressões de fé e esperança nos versos de consolação revelam o segredo de sobreviver em meio a um sofrimento que os deixava paralisados, impotentes, ‘sem palavras.’”

inimigas. Nesse sentido, é comum surgir uma série de acusações contra nações estrangeiras, responsabilizadas por desastres militares e regimes de opressão (CARR, 2011). Há também, contudo, acusações recíprocas entre grupos “irmãos”, que vivenciaram experiências semelhantes.

No livro de Ezequiel, há acusações contra nações estrangeiras (Ez 25–32) e há também acusações entre grupos “irmãos”. Por exemplo, os moradores de Jerusalém dizem a judaítas deportados: “Vós estais longe de Javé; foi a nós que Deus deu a terra como patrimônio” (11,14–15). Por sua vez, o grupo de deportados de Ezequiel na Babilônia afirma que Javé continua a protegê-los e a eles foi feita a promessa de retorno e posse da terra: “Eu vos ajuntarei de entre os povos, reunir-vos-ei das terras nas quais fostes espalhados e vos darei a terra de Israel” (11,17).

A tragédia atingiu a todos. Tanto as pessoas deportadas de Jerusalém quanto as que permaneceram em Judá foram vítimas da guerra. Porém, o “fechamento” na própria dor e o “isolamento” no próprio grupo levaram à polarização das relações, também entre os judaítas. Quando isso acontece, os grupos deixam de dialogar. Tornam-se cegos e surdos às necessidades e à dor das outras pessoas. Têm dificuldade em negociar um acordo em vista do bem comum. No pós-guerra, o projeto de reconstrução de Jerusalém proposto pela comunidade de Ezequiel (Ez 40–48) reproduziu o passado de opressão, exclusões e violência entre grupos “irmãos”, mesmo que todos tenham vivenciado os horrores da guerra.

Ao lado de acusações, dor, culpa, vergonha e “polarizações”, no livro de Ezequiel há versos de fé e esperança em Javé.

4. CONFIANÇA E ESPERANÇA

Experiências extremas de dores pessoais e coletivas, como as de uma guerra, destroem o sentimento de confiança de uma pessoa e

de uma comunidade em si mesma e em seu futuro. Assumir a responsabilidade e mudar o comportamento pode ajudar a prevenir outras catástrofes. Entretanto, o sentimento exagerado de uma culpa desproporcional pode paralisar a capacidade de seguir em frente. Assim, no processo de superação de um trauma, tanto a ênfase na culpa quanto a esperança na restauração das condições de vida caminham juntas (CARR, 2011; POSER, 2016):

“Contudo, lembrar-me-ei da aliança que fiz contigo na tua juventude e estabelecerei contigo uma aliança eterna” (16,60). “E vós, montes de Israel, produzireis para o meu povo de Israel os vossos ramos e os vossos frutos, pois que ele há de voltar em breve. [...] As cidades serão habitadas e as ruínas, reedificadas. Multiplicarei sobre vós os homens e o gado” (36,8–12).

As sentenças de crescente violência nos versos de julgamento, atribuídas ao “castigo divino”, mostram o impacto da brutalidade da guerra na comunidade de Ezequiel e a intensidade de sua dor. Ao mesmo tempo, as expressões de fé e esperança nos versos de consolação revelam o segredo de sobreviver em meio a um sofrimento que os deixava paralisados, impotentes, “sem palavras”. Assim, apesar de parecerem contraditórios, julgamento e consolação não se excluem nem se opõem entre si em relatos de sobreviventes. Integram a mesma resposta de uma comunidade traumatizada, como a de Ezequiel, que tenta lidar com os efeitos “duradouros e perturbadores” de uma guerra (FRECHETTE; BOASE, 2016, p. 13).

PARA CONTINUAR A CONVERSA

O livro de Ezequiel nos leva a refletir sobre a violência das guerras e seus prolongados efeitos na vida dos sobreviventes e de suas comunidades. Olhando o contexto do mundo de hoje, onde estamos vendo essa mesma situação? Qual é nossa resposta? Qual é a responsabilidade coletiva do Estado e nossa responsabilidade individual nas questões de violência e nos conflitos, por exemplo, nas famílias, nas escolas, nos ambientes de trabalho? O que é necessário fazer para que a solução de um conflito crie um futuro novo para as pessoas envolvidas, comprometendo-nos com o bem comum? Uma sugestão: conhecer os fundamentos e práticas da Justiça Restaurativa que ajudam as pessoas a lidar com seus traumas individuais e coletivos e a prevenir a violência nas relações sociais (cf. www.cdhep.org.br).

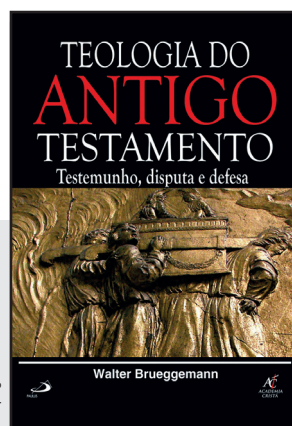
vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARR, David. Reading into the gap: refractions of trauma in Israelite prophecy. In: KELLE, Brad. E.; AMES, Frank R.; WRIGHT, Jacob L. *Interpreting Exile: displacement and deportations in biblical and modern contexts*. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2011. p. 295-308.
- FRECHETTE, Christopher G.; BOASE, Elizabeth. Defining “trauma” as a useful lens for biblical interpretations. In: BOASE, E.; FRECHETTE, C. G. *Bible through the lens of trauma*. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2016. p. 1-23.
- HALS, Ronald. Ezekiel. In: COATS, George W. et al. *Forms of the Old Testament literature series*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1989. v. 19.
- POSER, Ruth. No words: the book of Ezekiel as trauma literature and a response to Exile. In: BOASE, E.; FRECHETTE, C. G. *Bible through the lens of trauma*. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2016. p. 27-48.

Teologia do Antigo Testamento Testemunho, disputa e defesa

Walter Brueggemann



992 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Referência nos estudos do Antigo Testamento, o autor elabora uma teologia focada nos aspectos poéticos e sociais das Escrituras. Uma abordagem teológica que foge dos contornos tradicionais racionalistas e interage com a realidade contemporânea.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

*Luiz Alexandre Solano Rossi, leigo, doutor em Ciências da Religião (Umesp). Professor no mestrado e doutorado em Teologia da PUC/PR e na Uninter (Centro Universitário Internacional).

**Érica Daiane Mauri, leiga, mestra e doutora em Teologia pela PUC/PR. Coordenadora de cursos de especialização do Insech.

A ESPERANÇA QUE NASCE NUM VALE DE OSSOS SECOS

Ezequiel 37



A leitura do livro de Ezequiel é, no mínimo, surpreendente. Um profeta com extrema sensibilidade ao projeto de Deus e, ao mesmo tempo, profunda sensibilidade pelas dores e destino de seu povo. O capítulo 37 é prova incontestável de sua sensibilidade. Tomado pela visão divina, ele vê além da aparência e, por isso, além da imobilidade e do silêncio provocado pela morte; ele vê a esperança semeada pelo Espírito e o som da vida substituindo o silêncio da morte.

INTRODUÇÃO

O capítulo 37 do livro do profeta Ezequiel é fascinante! Por meio de visões, Deus comunica ao profeta suas palavras e ações, e a imagem que se desvela aos olhos de Ezequiel é inquietante. À primeira vista, a visão pode parecer assustadora. O texto bíblico nos leva até um vale. Contudo, a paisagem não é agradável aos olhos; não há sinal do verde das plantas, do canto dos pássaros nem do colorido das flores. O ambiente parece reduzido à ausência de vida. Impera o silêncio e a morte! Desespero e desolação se apresentam de forma absoluta, enquanto qualquer possibilidade de esperança é desfeita. Esses são os contornos do vale – do vale da sombra da morte. O que, porém, se vê no vale? “A mão de Javé pousou sobre mim e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos” (v. 1).

O profeta é convidado a andar por entre os ossos a fim de confirmar que não há o menor indício de vida. Eram muitos os ossos e estavam extremamente secos. O que representavam? A visão é aplicada exclusivamente aos exilados na Babilônia. O povo de Israel é comparado a cadáveres em sepulcros, situação que não permitiria vislumbrar nenhuma possibilidade de esperança (v. 11b). Todavia, há diferentes modos de ver a vida: na perspectiva dos olhos e do projeto de Deus ou na perspectiva dos olhares demasiadamente

humanos que se afastam de Deus. Contra a desconfiança dos deportados, que pensam já estarem destinados ao túmulo, Deus lhes assegura que fará o milagre da restauração: pelo poder do seu espírito, a vida será maior do que a morte e, vivos, retornarão à terra natal. Então, todos reconhecerão que é tudo obra de Deus e de mais ninguém (v. 13-14).

1. A VISÃO

Em Ezequiel 37,1-14 lemos:

¹A mão de Javé pousou sobre mim, e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos. ²E o espírito me fez circular em torno deles, por todos os lados. Notei que havia grande quantidade de ossos espalhados pelo vale e que estavam todos secos. ³Então Javé me disse: “Filho do homem, será que esses ossos poderão reviver?” Eu respondi: “Meu Senhor Javé, és tu que sabes”. ⁴Então ele me disse: “Profetize, dizendo: Ossos secos, ouçam a palavra de Javé! ⁵Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão. ⁶Vou cobrir vocês de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé”. ⁷Profetizei de acordo com a ordem que havia recebido. Enquanto



*"CONTRA A DESCONFIANÇA
DOS DEPORTADOS, QUE
PENSAM JÁ ESTAREM
DESTINADOS AO TÚMULO,
DEUS LHES ASSEGURA
QUE FARÁ O MILAGRE DA
RESTAURAÇÃO."*

eu estava profetizando, ouvi um barulho e vi um movimento entre os ossos, que começaram a se aproximar um do outro, cada um com o seu correspondente.⁸Observando bem, vi que apareciam nervos, que iam sendo cobertos de carne e que a pele os recobria; mas não havia espírito neles.⁹Então Javé acrescentou: "Profetize ao espírito, filho do homem, profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Espírito, venha dos quatro ventos e sobre nestes cadáveres, para que revivam".¹⁰Profetizei conforme ele havia mandado. O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso.¹¹Em seguida, Javé me disse: "Filho do homem, esses ossos são toda a casa de Israel. Eles dizem: 'Nossos ossos estão secos e nossa esperança se foi. Para nós, tudo acabou'.¹²Pois bem! Profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Vou abrir seus túmulos, tirar vocês de seus túmulos, povo meu, e vou levá-los para a terra de Israel.¹³Povo meu, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu abrir seus túmulos, e de seus túmulos eu tirar vocês.¹⁴Colocarei em vocês o meu espírito, e vocês reviverão. Eu os colocarei em sua própria terra, e vocês ficarão sabendo que eu, Javé, digo e faço – oráculo de Javé".

A estrutura desse oráculo se apresenta de maneira muito clara: trata-se de uma visão (v. 1-11) que se converte em parábola (v. 12-14) ao ser apresentada como resposta a um lamento do povo (v. 11). Os versículos iniciais deixam evidente, de imediato, o protagonismo de Deus em todo o desenvolvimento da cena: "a mão de Javé pousou sobre mim, [...] me levou e me deixou [...] me fez circular" (v. 1-2). Deus é o executor de tudo o que será apresentado ao profeta e se consumará na vida do seu povo. Há tempos a casa de Israel compreende que seu Deus não é um Deus da indiferença e da inércia, mas é aquele que age na história, que caminha com eles, que os liberta e os conduz (Ex 19,4).

O profeta se comporta por vezes como um espectador, observando o que se passa ante seus olhos, e, em outros momentos, cumpre as ordens expressas por Deus. No início da visão, cabe a Ezequiel, por ora, a corajosa missão de encarar sua realidade e "notá-la" (v. 2b) em todas as suas nuances e complexidades, por mais tenebrosa que se apresente. Diante da realidade contemplada por Ezequiel – uma realidade de exílio, sofrimento, desesperanças e incertezas –, resta uma fagulha que ilumina os olhos e nutre o coração: a fé. Esta se expressa na certeza de que Deus conduz a história e é o único a conhecer como a realidade marcada pela morte se desenvolverá ao longo do tempo: "Meu Senhor Javé, és tu que sabes" (v. 3).

Parece estranho que o profeta se dirija a um aglomerado de "ossos secos", anunciando a Palavra de Deus (v. 4); afinal, a Palavra deveria ser destinada aos vivos, ao povo: "Escute, Israel!" (Dt 6,4). Porém, o próprio autor esclarece a analogia entre a "casa de Israel" e os "ossos secos" no v. 11. Os receptores da Palavra e destinatários da missão profética de Ezequiel

ainda são o povo eleito, mesmo que sua atual condição seja de um povo inerte e sem vida.

A imagem dos ossos secos e dos túmulos representa a condição de um povo morto, sem espírito, sem sentido e sem finalidade de vida. Ezequiel é um profeta que exerce sua atividade em meio ao exílio da Babilônia, uma época de dor e sofrimento. Afinal, tudo quanto era importante e significativo, que assegurava a própria identidade do povo de Deus, deixara de existir. O poderoso exército da Babilônia, liderado por Nabucodonosor, invadiu e destruiu a cidade e o templo de Jerusalém (586 a.C.). Pensava-se, naquela época, que a cidade de Jerusalém e o templo eram invioláveis, porque Deus se fazia presente. As certezas do povo desmoronaram e, em terra estranha, exilado, “à beira dos rios da Babilônia, aí nos sentamos e choramos” (Sl 137,1). Se a dor estava presente no cotidiano do povo, Ezequiel, nessa belíssima visão, mostra que Javé também se encontrava presente em meio ao drama vivido por ele. Deus não se emudece, não é indiferente ao sofrimento, mas segue oferecendo sua Palavra, seu alento (espírito).

Os v. 5-6 apresentam o que Ezequiel deveria anunciar e os v. 7-10 descrevem a execução do mandato divino. À medida que Ezequiel pronuncia as palavras que havia recebido, a ação é executada instantaneamente (v. 7b): palavra proferida = ação concebida. Nessa passagem, temos uma menção à imagem do primeiro relato da criação em Gênesis 1, em que a Palavra é criadora, consuma o que ela anuncia. A Palavra de Deus, portanto, é a geradora e mantenedora da vida.

É interessante perceber o desenvolvimento processual do relato em etapas subsequentes, oferecendo um ritmo crescente e positivo: primeiro os ossos se juntando,

O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele

Jean-Louis Ska



164 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

○ sentido dos textos bíblicos nem sempre é de imediata compreensão, ainda mais se tratando do Antigo Testamento.
○ autor pretende oferecer um instrumento para a leitura deles, partindo de perguntas muito simples.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br



“DEUS NÃO SE EMUDECE, NÃO É
INDIFERENTE AO SOFRIMENTO, MAS
SEGUE OFERECENDO SUA PALAVRA,
SEU ALENTO (ESPÍRITO).”

depois os nervos, a carne, a pele e, finalmente, o espírito (a vida). O relato leva o ouvinte a recordar um evento recente que se desenvolveu igualmente em etapas, porém de modo descendente e negativo: a queda de Jerusalém e a destruição do templo. Seguindo os eventos históricos que se agravavam em intensidade e terror, temos: o primeiro cerco a Jerusalém pelo Império Babilônico e a deportação do rei Joaquim com grupos de pessoas importantes da capital (597 a.C.); o novo cerco a Jerusalém pelo período de um ano e meio; a rendição da capital; o novo grupo de deportados; saque, destruição e incêndio do templo e da cidade de Jerusalém (586 a.C.). A gradualidade desses eventos resultou no que Ezequiel agora contempla: um povo sem esperança, ressequido pela trágica realidade, um cenário de morte. Se o Império Babilônico produziu um escalonamento de fatos que resultaram na ausência de vida para a casa de Israel, de modo diretamente inverso, a Palavra do Senhor, anunciada por Ezequiel, levará processualmente à vida.

O relato segue afirmando que Javé é o Deus da vida. Após os elementos biológicos estarem reconstituídos – ossos, nervos, carne e pele –, é necessária a infusão do elemento vivificante, a *ruah* (espírito, sopro, vento). O espírito vivificador (v. 9) provém dos quatro pontos cardeais, expressando sua plenitude (Is 11,2). A formação do ser vivente em duas etapas – formação do corpo biológico e vivificação desse corpo – relembra a narrativa da criação do *adam* (humano) contida em

Gênesis 2, na qual, após o Senhor ter modelado o humano do ‘*adama*’ (pó do solo), infunde em suas narinas o sopro vivificante (*ruah*), tornando-o um ser vivente. Esses elementos fazem-nos pensar que o que Ezequiel contempla é, de fato, uma nova criação. Deus faz novo o seu povo, recria o que havia sido dizimado.

Nesse aspecto, a mensagem de esperança apresentada pelo profeta, a qual compreende a renovação (nova criação) do povo, passa por diversas etapas: 1) a restauração de cada indivíduo, ao afirmar que o Senhor restauraria a cada um, oferecendo um novo coração (Ez 36); 2) a restauração do povo, reerguendo do “vale dos ossos secos” um “exército imenso” (Ez 37); 3) por último, a restauração da terra, com uma nova cidade, um novo templo, que nutre e organiza a vida (Ez 40-48).

2. A ESPERANÇA QUE GERMINA EM MEIO À DOR

Todo o capítulo 37 possibilita refletir que a esperança está germinando em meio ao sofrimento. Se a esperança parecia escapar por entre os dedos e o desânimo não proporcionava saída, o Espírito de Deus soprava, restaurando todos aqueles que o exílio fatalmente havia atingido. Deve-se salientar que a ação é do próprio Javé. Ele é o protagonista da salvação. Um Deus que está plenamente vivo e ativo para restaurar a vida e a esperança de seu povo. Por duas vezes, lemos a importante expressão “povo meu” (v. 12.13). Se o povo, anteriormente, quando da destruição de Jerusalém, pensava que havia sido abandonado por

Deus, a expressão demonstra a relação de afeto e de pertença do povo em relação a Deus. Daí advêm as múltiplas promessas (v. 12): “vou abrir”, “tirar vocês”, “levá-los”, “colocar meu espírito”, “colocarei em sua própria terra”, a fim de que o povo saiba que ele é Javé.

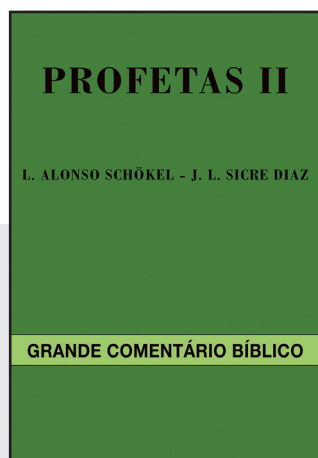
A ação de Javé possui objetivos históricos e visíveis: o retorno do exílio! “O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso” (v. 10). A palavra profética e o espírito estão juntos nesse projeto de libertar e reconstruir o povo de Deus. Dois momentos sobressaem: a palavra profética responde pela organização/recomposição do povo, e ao espírito cabe a função de revitalizar sua espiritualidade. Dessa forma, a promessa de salvação pode se tornar realidade. O espírito é a instância que cria a mediação pela via da profecia. O profeta entende a ressurreição desses ossos como nova criação. O grande ruído que se ouve dá início a nova possibilidade de vida. A experiência da ressurreição (assim descrita nos v. 11-14) é trabalhada por meio do verbo “fazer subir”, expressão emprestada de outros contextos bíblicos para evidenciar a saída do Egito (cf. 1Sm 12,6; Dt 26,8; Os 12,14). Afinal, o povo dos tempos exílicos não passava de um vale cheio de ossos.

CONCLUSÃO

Diante de um ambiente de extermínio, morte e desfalecimento, é proposto um projeto de descontinuidade. Ou seja, a nova criação não será simplesmente um melhoramento progressivo do que já existe; ao contrário, a velha criação, bem como o coração de pedra (36,26), dará lugar a realidades completamente novas: uma nova criação e um coração de carne. Não se trata, portanto, de um projeto de continuidade, mas sim de ruptura!

Profetas II

Luís Alonso Schökel / J. L. Sicre Díaz



Imagens meramente ilustrativas.

Esse comentário se caracteriza pelo maior respeito e atenção para com o texto original, pela abundância de análises literárias e pela riqueza e densidade da análise teológica. É um comentário completo.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

A imaginação profética de Ezequiel cria uma imagem impensável: os ossos escutam as mesmas palavras proféticas que os vivos não escutavam e obedecem a elas. Mencionados oito vezes, eles simbolizam os mortos, o passado marcado pela tragédia, e se referem àquilo que nega a vida, aquilo que se corrompe dia após dia para terminar em pó; os ossos não são nada, pois com base neles não é possível construir comunidade. De sua parte, o Espírito de Deus – que também aparece outras tantas vezes – é a força vital que aponta para o futuro, potencializa a recriação da realidade e da vida e, com isso, põe ordem no caos. Contudo, a maestria do relato faz que as duas realidades não se oponham,

mas se cruzem quando, sob o comando do profeta, os ossos que estão mortos ganham vida a partir do momento em que o espírito neles se encarna.

Ezequiel, num movimento de vaivém, é um mestre no uso de imagens: o mesmo espírito que o havia colocado em pé, no relato de sua vocação, agora é responsável por colocar em pé uma multidão que estava reduzida a ossos. Espírito que se encontra tanto em relação com o indivíduo quanto em relação com a comunidade. Espírito que revitaliza tanto um quanto o outro. Nessa dinâmica é possível encontrar a esperança em meio aos dramas da vida, ou seja, em meio aos vales de ossos ressequidos do cotidiano. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREGO, Jose M. *Ezequiel*. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2011.
- ALLEN, Leslie C. *Ezekiel 20-48*. Dallas: Word Books, 1990. (Word biblical commentary, v. 29).
- ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- EICHRODT, Walther. *Ezekiel: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1970.
- KOCH, Klaus. *The Prophets: the Babylonian and Persian periods*. Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- McKEATING, Henry. *Ezekiel*. Sheffield Academic Press: Sheffield, 1993.
- ROSSI, Luiz A. S. *Como ler o livro de Ezequiel*. São Paulo: Paulus, 2006.
- ROSSI, Luiz A. S. *Lendo o livro de Ezequiel: esperança e imaginação profética*. São Paulo: Paulus, 2024.
- SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- TAYLOR, John B. *Ezequiel: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.



EZEQUIEL:

O PRIMEIRO A PROFETIZAR FORA DA TERRA DE ISRAEL.

Garanta já o seu!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
assinaturas@paulus.com.br
f @ x @editorapaulus

PAULUS

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Junior Vasconcelos do Amaral*

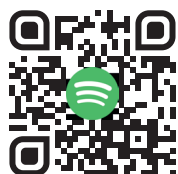


Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM

1º de setembro



Guardai os mandamentos do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Setembro nos leva a reflorescer a esperança de um novo tempo, que se chama hoje. Na liturgia deste primeiro domingo do mês, somos convocados por Deus para a fidelidade aos seus mandamentos. No Evangelho, a centralidade está na mensagem de Jesus: “Vós abandonais o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens”. Com essas palavras de crítica, o Senhor nos convida a examinar nossa consciência cristã, tanto pessoal quanto comunitária: cumpre-nos observar se somos fiéis aos costumes e leis humanas ou à Palavra de Deus e seus mandamentos, notando ainda o que sai de nosso coração e nos torna impuros. Na primeira leitura, o autor do livro do Deuteronômio nos convida à fidelidade aos mandamentos e às leis de Deus: elas

são sempre justas e conduzem o ser humano pelo reto caminho. Na segunda leitura, Tiago convida sua comunidade e também a nós, hoje, a cumprir a lei de Deus com o coração, e não por aparências, pois a lei perfeita do Senhor é o amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 4,1-2.6-8)

Na primeira leitura, retirada do Deuteronômio, quinto e último livro do Pentateuco, uma espécie de últimas palavras de Moisés, Deus nos convida, pela boca desse profeta, a guardar com fidelidade seus mandamentos, sua Lei e seu ensinamento. Escutar e pôr em prática as leis e os decretos de Deus constitui condição de possibilidade para a libertação, para a entrada na terra da promessa. A libertação do povo se realizará se este for fiel à Lei de Deus. Assim é entendida a Lei de Israel: Deus quer ver seu povo livre; contudo, o povo deve observar sua Lei e seus mandamentos, pois, de fato, os mandamentos de Deus são corretos e se comparam a um remédio para a alma.

Em Dt 4,2, encontramos a ordem de não acrescentar nada à Lei, pois esta já é completa. As adições à Lei, advindas da vaidade humana, não condizem com a vontade de

*Junior Vasconcelos do Amaral é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte-MG e vigário episcopal da Região Episcopal Nossa Senhora da Esperança (Rense). Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), realizou parte de seus estudos de doutorado na modalidade “sanduíche”, estudando Narratologia Bíblica na Université Catholique de Louvain (Louvain-la-Neuve, Bélgica). Atualmente, é professor de Antigo e Novo Testamentos na PUC-Minas e pesquisa sobre psicanálise e Bíblia. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br.

Deus. É preciso levar em consideração o mandamento do Senhor. Assim, a sabedoria do ser humano consiste em pôr em prática a Lei, o mandamento de Deus.

O v. 7 evoca a consciência do povo, a quem Deus criou, libertou e concedeu uma terra, fazendo-o perceber que de nenhum outro povo o Senhor é tão próximo. Outras nações têm seus deuses, mas estes não se aproximam como Adonai, que se faz amigo e caminha com seu povo. O v. 8 continua a conscientizar o povo de Deus, levando-o a refletir que nenhuma outra nação recebeu uma legislação tão justa. Por isso, devem ser fiéis a Deus, que se torna próximo, salva e, por isso, quer que seu povo observe seus mandamentos.

2. II leitura (Tg 1,17-18.21b-22.27)

Tiago, importante apóstolo para a fé cristã, convida a comunidade dos discípulos de Jesus a reconhecer que todo dom precioso e toda dádiva vêm do céu, do Pai das luzes, daquele que é imutável e sempre bom (v. 17) – por isso, sem sombra de variação. Pois em Deus está a certeza salvífica, jamais garantida por qualquer ser humano, a não ser Cristo. Ele gerou a humanidade pela Palavra; sua Palavra veio ao mundo e se fez carne em Jesus Cristo, revelando-nos a salvação. Somos criaturas de Deus, redimidos pelo Filho (v. 18). O apóstolo recomenda que, com humildade, se acolha a Palavra que foi anunciada, capaz de salvar as almas (v. 21b). A Palavra é Cristo, que habitou entre nós (Jo 1,14). É necessário cumprir, por meio da prática, a Palavra, não como meros ouvintes. Aquilo que se escuta deve ser vivenciado nas atitudes e ações. O v. 27 conclui a segunda leitura com uma exortação prática a viver a verdadeira religião, pura e sem mancha: assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e não se deixar contaminar pelo mundo.

3. Evangelho (Mc 7,1-8.14-15.21-23)

Jesus condena o rigorismo tanto dos fariseus quanto dos mestres da Lei: eles deixam de lado os mandamentos de Deus e seguem seus próprios mandamentos e leis. Nesse contexto de controvérsias é que o relato deste domingo se insere. Depois da crise vivida por Jesus na Galileia, retratada em Mc 6, quando o Senhor entrou na sinagoga de Nazaré e foi hostilizado, encontramos com o relato deste domingo, que contextualiza as controvérsias com os fariseus e mestres da Lei. Estes percebem que os discípulos de Jesus não seguem o rigorismo e comem sem lavar as mãos (v. 2), enquanto os fariseus e todos os judeus observam essa prática de higiene ritual, herdada por tradição e com muito rigor (v. 3-4). Então perguntam a Jesus por que seus discípulos não observam tais tradições (v. 5).

Para responder sobre o embotamento do coração desses que os criticam, Jesus recorre a Isaías: “Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim” (v. 6). Em outras palavras, Jesus diz que eles vivem uma religião de aparências, de louvor, mas com uma prática distanciada de Deus. O culto que prestam é obsoleto (v. 7), pois o que ensinam são doutrinas humanas. O ponto nevrálgico está no v. 8: “Vós abandonais o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens”. A condenação de Jesus incide sobre a prática do esvaziamento da Lei de Deus e a absolutização dos costumes humanos, das práticas que não são reveladas por Deus, mas assentadas por pessoas com base em suas misérias e estreitas compreensões da realidade, visando ao bem de um grupo, sua hegemonia e arrogância sobre os demais.

Em seguida, nos v. 14-15, Jesus convida à percepção do que torna o ser humano impuro: não aquilo que entra pela boca, mas, pelo contrário, o que sai do coração – para o judaísmo, o lugar do juízo humano. O coração, em hebraico *Lev*, significa a instância

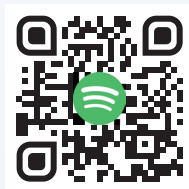
da razoabilidade do ser humano, o lugar da tomada de decisões, seja para o bem, seja para o mal – o lugar do discernimento. Nos vv. 21–23, Marcos apresenta, pela boca de Jesus, uma lista de pecados que saem do coração humano; “más intenções, imoralidades, roubos, assassinios, adultérios, ambições desmedidas, maldades, fraudes, devassidão, inveja, calúnia, orgulho, falta de juízo”, ressaltando, no v. 23, que essas mazelas saem do coração humano e o tornam impuro.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ajudar a comunidade na qual estamos inseridos a compreender a importância da fidelidade à Palavra de Deus. Ouvir sua Palavra nos leva à comunhão e à libertação, à busca de viver o mundo de paz. Perceber que o rigorismo não forma consciência cristã de seguimento, mas leva as pessoas ao medo. Levar a comunidade a vivenciar a humildade como dom de Deus, para construirmos uma sociedade mais justa e fraterna.

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM

8 de setembro



Criai ânimo!
Não tenhais medo

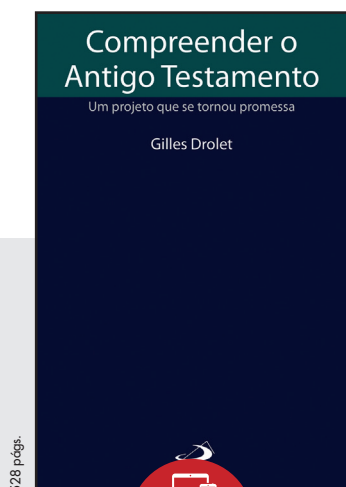
I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida a reanimar nossa vida de esperança, sobretudo ao observarmos a práxis de Jesus. No Evangelho, Jesus liberta o surdo-mudo de seus impedimentos. Jesus é o taumaturgo do Pai, aquele que, pela palavra *Efatá* – que quer dizer “abre-te” –, concede ao ser humano o dom de comunicar o amor de Deus. Na primeira leitura, o profeta Isaías restaura no

Compreender o Antigo Testamento

Um projeto que se tornou promessa

Gilles Drolet



528 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Comentando os primeiros livros da Bíblia – do Gênesis aos livros de Samuel –, o autor os interpreta, identificando suas implicações ao longo de toda a Bíblia. Essa obra leva em conta a história e as tradições presentes na própria fonte dos textos.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

coração ferido da humanidade a capacidade de continuar a crer em Deus, não obstante os desafios. Tiago, na segunda leitura, convida sua Igreja, que também é nossa, a não fazer acepção de pessoas – sobretudo em prejuízo dos pobres e marginalizados, que são especialmente queridos e amados por Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,4-7a)

O profeta Isaías, como porta-voz de Deus, convida o povo a não se deixar sucumbir diante dos perigos da vida. Aquele que está por trás da mensagem do profeta, Deus mesmo, em voz imperativa, diz: “Dizei às pessoas deprimidas: ‘Criaí ânimo, não tenhais medo’”. O v. 4 equivale a dizer que Deus deseja ver seu povo com um novo espírito que possa aniquilar o medo que o envolve. Esse espírito é como uma vingança que vem, uma recompensa. Deus mesmo se levanta para salvar seu povo. Em consequência, o Senhor abrirá tanto os olhos dos cegos quanto os ouvidos dos surdos (v. 5). O coxo saltará como um cervo e a língua do mudo se soltará; da mesma forma, a água brotará no deserto, e torrentes no ermo jorrarão. Tudo o que parece impossível acontecer, acontecerá (v. 6). A terra árida se transformará em lago e a região sedente, em fontes de água (v. 7). Trata-se de verdadeira reviravolta escatológica e profética a partir do momento em que o povo acolher e praticar a mensagem de seu Deus.

O ambiente em que se encontra o profeta, antes do exílio, é de verdadeiro marasmo, no qual o pecado parece dominar. Contudo, é necessário crer na Palavra de Deus e esperar que ele venha em favor de sua gente. O povo, de sua parte, deve crer e não temer.

2. II leitura (Tg 2,1-5)

Tiago lidera a comunidade de Jerusalém, dividida entre ricos e pobres. Os ricos menosprezam os pobres. Essa aversão crescente

contamina a fé e desalicerça a comunidade. Por isso, o apóstolo recomenda que, pela fé em Jesus Cristo, não haja acepção de pessoas (v. 1). Ele apresenta uma casuística: numa assembleia, possivelmente eucarística, está um rico bem-vestido, com um anel de ouro no dedo, símbolo do poder, e um pobre com sua roupa surrada (v. 2). O escritor sagrado diz: “e vós” – referindo-se aos cristãos daquela comunidade que dedicam maior atenção ao que está bem-vestido (v. 3), em detrimento do pobre, deixado de pé, enquanto o rico se senta. Com base nesse caso, o apóstolo questiona: “não fizestes, então, discriminação entre vós?” (v. 4). E conclui no v. 5: “Meus queridos irmãos, escutai: não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?” Tiago é enfático, pois não é possível nos dizermos cristãos se deixamos de lado os pobres deste mundo, abandonados à própria sorte.

3. Evangelho (Mc 7,31-37)

Jesus, em Marcos 7, está em missão fora da Galileia. Ele deixou a casa da mulher siro-fenícia, após ter aprendido com ela que sua ação messiânica devia estar também destinada aos pagãos (Mc 7,24-30). Então, o Senhor continua seu caminho em direção ao mar da Galileia, atravessando a Decápole (v. 31). Trouxeram-lhe um homem surdo, que falava com dificuldade, e pediram a ele que lhe impusesse as mãos (v. 32). Impor as mãos simboliza, na tradição judaica – e também, posteriormente, na cristã –, transmitir a bênção ou o poder. Trata-se da *cheirotomia*. Jesus, por sua vez, conduz o homem à parte (v. 33), toca-lhe com o dedo os ouvidos, cospe e toca sua língua com a saliva. Tal gesto é repleto de significado, pois rememora o ato criador de Deus, que modela o ser humano por ele criado, como em Gn 2,7. Jesus continua a recriar o que está adoecido e decaído. O v. 34 traduz essa

ação por meio do olhar de Jesus ao céu e a bênção pronunciada: “*Efatá*”, que quer dizer “abre-te” (v. 34).

Um ato transformador se percebe no v. 35: os ouvidos do surdo se descerraram e sua língua se soltou. Ele começou a falar sem dificuldade, explica o narrador. Jesus pediu-lhes que nada contassem sobre o assunto (v. 36), pois se trata do segredo messiânico daquele que revelará sua glória na cruz (Mc 15,39). Esse segredo deve ser preservado a fim de que Jesus continue a agir, mas eles contavam o que ele havia realizado. No v. 37, lemos uma exclamação de fé por parte dos auditores de Jesus, daqueles que testemunham sua *exousia*, o poder autorizado que vem de Deus: “ele tem feito bem todas as coisas”, concluem. “Aos surdos faz ouvir, aos mudos faz falar”, insistem. Jesus comunica a atenção e o cuidado pastoral de Deus, o Pai. Ele vem romper a surdez, que impede a pessoa de ouvir a Palavra, e a mudez, para que seja plena a comunicação de que Deus tem amor para com toda a humanidade e deseja reanimá-la, de modo que não seja derrotada pelo medo.

Dessa maneira, o Evangelho deste domingo nos convida a livrar nossos ouvidos de toda surdez espiritual, que nos impede de acolher a voz de Jesus. A taumaturgia de Jesus, na cura do surdo, revela-nos ainda que somos chamados a ouvir e proclamar sua Palavra. O *Éfata* por ele pronunciado tem força dinâmica de abrir nossos ouvidos e nossa boca, pois nossos sentidos favorecem o conhecimento da Palavra, a intimidade com ela, a fim de que outros também a possam ouvir.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Desenvolver com a comunidade a compreensão de que Deus cuida da humanidade e a convida a reanimar-se, não ter medo, mesmo quando o mundo parece um lugar inóspito. Perceber que na comunidade

Chave para a Bíblia

Wilfrid J. Harrington



Imagens meramente ilustrativas.

A obra é uma introdução aos escritos da Bíblia, com especial referência às questões de inspiração, verdade e sentido da Escritura. Traz também um esboço da história de Israel e dos tempos do Novo Testamento.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

cristã, ainda hoje, existe aporofobia, aversão aos pobres, e conscientizar-se de que eles devem ser respeitados e tratados com caridade, não podendo ser humilhados. Ajudar a comunidade cristã a acolher as pessoas com deficiência, buscando incluí-las em nossa catequese, na transmissão da fé, na convivência, participação e missão.

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

15 de setembro



Tome a sua cruz e me siga!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida a confessar Jesus como Messias, o Filho de Deus. “Tome a sua cruz e me siga!” é o convite dirigido a nós, cristãos. Para tal, o Evangelho nos chama à renúncia, deixando de lado tudo que parece ser mais importante que Deus mesmo. Na primeira leitura, Isaías restaura nossa confiança no Senhor, nosso auxiliador. Deus é aquele que nos ama e, por isso, salva-nos, justificando nossa vida. Na segunda leitura, Tiago restaura, na mesma perspectiva do Antigo Testamento, a confiança em Deus, por meio das obras de misericórdia. Não há, para a comunidade de Tiago, fé verdadeira que não seja testemunhada por obras. É preciso testemunhar que somos cristãos por atitudes que se assemelhem às de Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 50,5-9a)

O profeta Isaías, neste terceiro cântico do Servo sofredor, apresenta-nos o *Ebed Adonai*, o servo fiel de Deus, que se sente

seduzido ao ouvir o apelo divino para cumprir sua vontade. O Servo, que parece possuir também uma identidade coletiva – dando-nos a entender que é o próprio povo de Israel –, dá suas costas para baterem e sua face às cusparadas (v. 5-6). É um retrato da humilhação que o povo sofreu no exílio, o mesmo povo que, na volta para Judá, se encanta com a mensagem de esperança a ele confiada pelo Senhor. Deus é seu auxiliador (v. 7), aquele que não deixa o ânimo de seu povo esmorecer. Deus está ao lado de seu povo: justifica-o e salva-o. Desse modo, quem fará objeção? O profeta pergunta: “Quem é meu adversário? Aproxime-se” (v. 8). O v. 9 confirma: “Sim, o Senhor é meu auxiliador, quem é que vai me condenar?” Vale notar que o verbo hebraico que designa a ação de Deus é “auxiliar”, “ajudar” (*‘ázar* [aw-zar]), que designa aquilo que dá apoio, ajuda e auxílio. Assim, teologicamente, o profeta está propondo ter fé no Senhor que auxilia seu povo, que o acompanha e o apoia.

2. II leitura (Tg 2,14-18)

Na segunda leitura, Tiago questiona a comunidade de Jerusalém: “que adianta dizer que tem fé, quando não a põe em prática?” (v. 14). Para o apóstolo, não há como conceber uma fé sem prática, sem obras, pois fé e vida se relacionam intrinsecamente. A fé só é capaz de salvar quando corroborada pelas obras de misericórdia e caridade. Novamente, Tiago propõe uma casuística, como no domingo passado: “Imaginaí que um irmão ou uma irmã não têm o que vestir e que lhes falta a comida de cada dia; se então alguém de vós lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos’, e: ‘Comei à vontade’, sem lhes dar o necessário para o corpo, que adiantará isso?” (v. 15-16). Nesse caso, trata-se de alimentar o corpo primeiro, para que a alma seja capaz de buscar a Deus. As forças

do corpo são fundamentais para garantir a força espiritual, pois a inanição do corpo leva à inanição espiritual. Então, conclui Tiago: se a fé não se traduzir por obras, está morta (v. 17). É preciso que nossa fé se deixe revelar por nossas obras (v. 18).

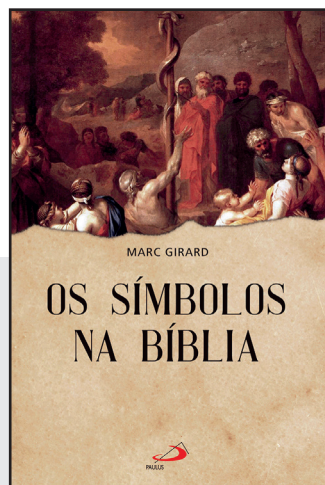
3. Evangelho (Mc 8,27-35)

A passagem deste domingo corresponde ao coração do Evangelho de Marcos. O texto se localiza como o divisor de águas de toda a obra marcana. Na primeira parte, encontramos nas narrativas, como pano de fundo, a pergunta: “Quem é Jesus?” A partir da passagem deste dia, temos uma resposta: Jesus é o Messias – mas não aos moldes da tradição de Israel, baseado na inspiração do rei Davi ou de seu sucessor Salomão, o messias davídico-salomônico, que vem governar com cetro de ferro. Jesus, com efeito, é Messias diferente, não triunfalista, que vai dar sua vida em resgate de muitos (Mc 10,45). O messianismo vivido e traduzido por ele, especialmente em Marcos, é o do serviço, da humildade e da doação de si, e não do triunfo e da glória mundanos. Por isso, Jesus ensina seus discípulos Tiago e João que o essencial não é estar à sua direita ou à sua esquerda, mas servir, doando a vida como ele (Mc 10,35-45).

Jesus está em Cesareia de Filipe, já próximo do fim de sua vida ministerial. Cesareia estava ao norte, e havia ali o santuário de Panias, lugar dedicado ao deus pagão Pan. É nessa região que Jesus pergunta aos seus discípulos quem ele é (v. 27). Jesus quer saber se sua identidade messiânica já está bem definida e estabelecida no horizonte hermenêutico (de interpretação) dos discípulos. Ele insiste em averiguar se os discípulos e também os pagãos já o conheciam, pois estes iam ao seu encontro (Mc 7,24-30). Com uma resposta mais evasiva e genérica, os discípulos não satisfazem à pergunta do Mestre (v. 28). Jesus, em seguida, continua:

Os símbolos na Bíblia

Marc Girard



816 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é um caminho original para um novo tipo de teologia bíblica. Em pleno contexto de modernidade e de explosão cultural, o teólogo encontrará nesta obra muitas pistas para renovar a explicação do dado revelado.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

“E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro, aquele que precede o grupo dos seguidores, responde: “Tu és o Messias!” (v. 29). Trata-se de uma profissão de fé: o Messias, o ungido, o esperado pelo povo. No v. 30, Jesus pede que mantenham reservado o segredo messiânico até a cruz, na qual ele se revelará plenamente. E segue dizendo que o Filho do Homem vai ser preso e torturado, morrer e ressuscitar. Jesus está dizendo que sofrerá pela mão dos anciãos, sumo sacerdotes e doutores da Lei, pois já sente a hostilidade que o cerca.

Pedro, porém, de sua parte, não compreende que Jesus vai morrer e quer ensinar-lhe que seu destino não pode ser a morte de cruz – proposta que corresponderia, em outras palavras, ao aniquilamento de todo o projeto salvífico de Deus (v. 32). Pedro não compreende o messianismo de Jesus e quer impor ao Mestre seu modo humano de pensar. Então, Jesus, no v. 33, diz a Pedro: “Vai para trás de mim, satanás”. Está exigindo que Pedro volte para o lugar de discípulo e não queira ser seu Mestre – “tu não pensas como Deus, mas como os homens” é sua justificativa.

Os versículos que se seguem, 34–35, derivam dessa chamada de atenção: “Se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga”. Trata-se de um conjunto simples de ensinamentos sobre como ser discípulo: tomar a cruz e perder a vida significa doá-la para o bem comum; quem assim o fizer ganhará a eternidade. Esse ensinamento de Jesus está baseado numa inversão escatológica, na qual só se ganha perdendo, só se ressuscita morrendo e só se vive a vida eterna dispondo-se a servir os irmãos e irmãs.

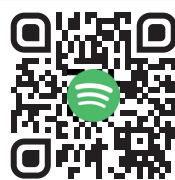
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade cristã a reconhecer em Deus um verdadeiro amigo, capaz de auxiliar nossa vida, seja qual for a

circunstância em que vivamos. Propor que a comunidade seja testemunha verdadeira do Ressuscitado, vivendo gestos concretos de caridade: alimentando os famintos, acolhendo os pecadores, a fim de que testemunhemos a Deus por nossas obras. Perceber que Jesus é o Messias que veio para dar sua vida em resgate de muitos e, por isso, sentirmo-nos convidados a seguir seus passos, renunciando a nós mesmos e tomando nossa própria cruz.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM

22 de setembro



O Senhor é quem sustenta minha vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo convida-nos a manter nossa fé viva em Deus. É o Senhor quem sustenta nosso caminho e refaz nossa esperança a fim de que possamos seguir os passos de Jesus, seu Filho, que teve sua vida consumada na cruz. Na primeira leitura, o livro da Sabedoria nos anima a confiar no Senhor: a vida dos justos está nas mãos de Deus. Os ímpios, por mais que queiram, não poderão destruir a vida dos justos. Na segunda leitura, Tiago provoca-nos a converter nossas comunidades: de lugares de rivalidade para espaços de comunhão. É necessário deixarmos de lado as paixões e vivermos o amor – tanto aos irmãos quanto a Deus. No Evangelho, Jesus ensina seus discípulos a serem humildes e a servir sem distinções – o primeiro na comunidade deve ser o servo de todos. Acolher os vulneráveis é um sinal de comunhão com ele e com o Pai, que o enviou.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 2,12.17-20)

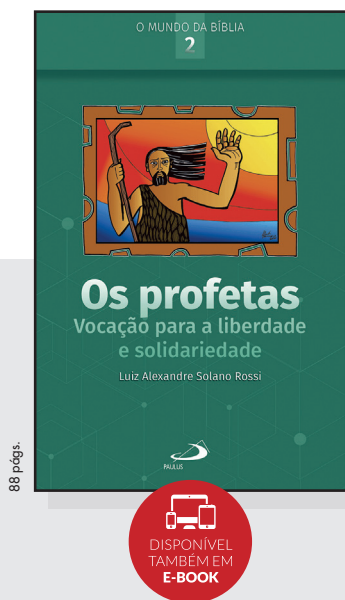
Este texto do livro da Sabedoria faz parte da coleção sapiencial e apresenta o justo sendo molestado pelos ímpios, que desejam consumir e destruir sua vida. No v. 12, o autor nos leva a pensar nas maquinações presentes na cabeça do ímpio: “armemos ciladas ao justo porque sua presença nos incomoda...”. Três são as causas dessa oposição: 1) “ele se opõe ao nosso modo de agir”; 2) “repreende em nós as transgressões da lei”; 3) “nos reprova as faltas contra a nossa disciplina”. Na literatura sapiencial, há dois modos de viver a vida: justa ou injustamente; de forma sábia ou tola. Dessa maneira, os justos são perseguidos por sua conduta de justiça (*tsedaqah*, em hebraico). O v. 17 apresenta, nas maquinações do ímpio, o desejo de lhe armar uma cilada, pondo o justo à prova. Se este é filho de Deus, o Senhor o defenderá, desafia a astúcia do ímpio, no v. 18. Depois, fazendo uso do verbo “vamos”, o injusto deseja pôr à prova o justo e, em seguida, condená-lo a uma morte vergonhosa. A perversão do ímpio não tem limites: intenta testar a serenidade e a paciência do justo (v. 19) e condená-lo à morte, para ver se alguém virá salvá-lo. Essa narrativa da Sabedoria invoca a capacidade do justo de resistir a todo projeto de morte que o circunda.

2. II leitura (Tg 3,16-4,3)

Tiago reflete, no v. 16, que, onde estão a inveja e a rivalidade, aí está a causa de todas as desordens humanas. Esses maus sentimentos estão presentes na comunidade dos discípulos de Jesus – a Igreja. Por sua vez, a sabedoria de Deus, que vem do céu (v. 17), é pura, pacífica, modesta, conciliadora e misericordiosa, gera bons frutos, não tem parcialidade nem fingimento. A justiça gera seus frutos na paz (v. 18) para aqueles que a promovem. Em 4,1, o autor

Os profetas Vocação para a liberdade e solidariedade

Luiz Alexandre Solano Rossi



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro aborda a vida dos profetas bíblicos do Antigo Testamento e suas lutas contra a miséria, a violência da classe dominante, a corrupção, a fome, a desigualdade, temas que ainda hoje são recorrentes.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

destaca que guerras e brigas são oriundas das paixões desordenadas, no interior dos corações humanos. No v. 2, a comunidade é acusada de atos de pecado: “Cobiçais, mas não conseguis ter. Matais e cultivais inveja, mas não conseguis êxito. Brigais e fazeis guerra, mas não conseguis possuir. E a razão está em que não pedis”. Todo esse descompasso tem como razão a forma de pedir, pois se trata de orações más, que não levam o ser humano à perfeita comunhão com Deus, mas apenas buscam a satisfação de seus desejos (v. 3). Tiago convida a comunidade dos fiéis a deixar de lado os sentimentos maus e a orar em vista da comunhão salvífica com Deus.

3. Evangelho (Mc 9,30-37)

O Evangelho deste domingo se passa na travessia do mar da Galileia. Seguindo a dinâmica do segredo messiânico, Jesus não queria que ninguém soubesse o que ele estava fazendo. O segredo messiânico faz parte da construção teológica de Marcos, que considera a cruz como o lugar da revelação plena de Jesus (Mc 15,39). Contudo, outra vez Jesus anuncia sua paixão, morte e ressurreição. É válido lembrar que, na perspectiva desse evangelista, Jesus realiza, antes da narrativa da paixão, três anúncios prévios (8,31; 10,32-34). Jesus estava ensinando seus discípulos (v. 30-31). Em Marcos, vale notar que o Senhor é verdadeiro mestre que ensina. Ele é o *didaskaloi* que vai, mistagogicamente, ensinando a seus discípulos o sentido daquilo que eles estão fazendo em seu seguimento. No v. 32, Marcos salienta que eles não compreendiam as palavras de Jesus e tinham medo de perguntar-lhe algo. Nesse Evangelho, um elemento significativo é a incompreensão por parte dos discípulos, que são lentos em discernir quem Jesus é. Eles acreditavam que o Senhor fosse para Jerusalém a fim de reinar. Jesus, porém, nesse prenúncio, afirma ir para morrer. Esvazia-se,

assim, o sentido que os discípulos formaram a respeito do Messias. Jesus se propõe como um “Messias alternativo”, diferente e inesperado, que vai doar a vida na cruz, em resgate de muitos (Mc 10,45).

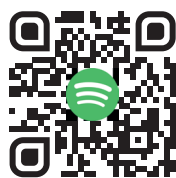
No v. 33, ao chegarem a Cafarnaum, na casa de Simão Pedro (Mc 1,29), Jesus pergunta-lhes: “O que discutíeis pelo caminho?” Eles, porém, calados, não disseram nada, pois pelo caminho tinham discutido quem era o maior (v. 34). Jesus sentou-se (v. 35) – posição daquele que é o mestre, daquele que ensina – e começou a dizer-lhes: “Se alguém quiser ser o primeiro, que seja o último de todos e aquele que serve a todos”. Essa inversão de posições demonstra o sentido verdadeiro para Jesus: o primeiro é o que serve, e não aquele que é servido. Nos v. 36-37, o Senhor pegou uma criança, colocou-a no meio deles e, abraçando-a, disse: “Quem acolher em meu nome uma destas crianças é a mim que estará acolhendo. E quem me acolher, está acolhendo não a mim, mas àquele que me enviou”. É sabido que, na sociedade do tempo de Jesus, as crianças não tinham importância social de destaque. Ao fazer isso, o Senhor tira as crianças da periferia existencial e as coloca no centro, pois a vida de cada uma delas é imprescindível para o Reinado de Deus, simbolizando a abertura irrestrita ao Reino, por sua fragilidade, despojamento e autenticidade. Acolher uma criança é, a partir de agora, acolher o próprio Jesus; e acolhê-lo é acolher o Pai. Para o Senhor, as crianças têm uma dignidade imprescindível, pois retratam a absoluta abertura ao amor de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Evidenciar que a comunidade dos cristãos, a Igreja, deve ser lugar de comunhão, de fé e de amor, a fim de superarmos as divisões e as rivalidades – frutos das paixões egoístas. Cultivar na comunidade eclesial a fé em Deus, que não abandona a vida do justo,

mas o acompanha com amor. Perceber que o primeiro entre todos é aquele que serve sem distinções. Dessa maneira, a Igreja é lugar do serviço e da diaconia do Reino. A Igreja deve defender a vida, especialmente de nossas crianças, muitas vezes vítimas de abusos e desrespeito.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM
29 de setembro



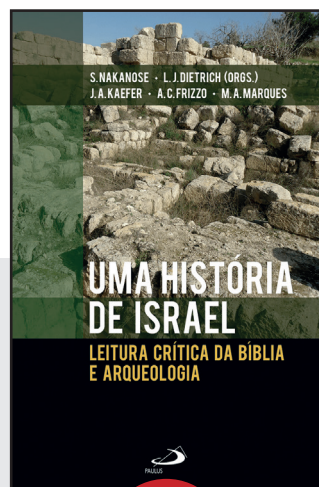
**Quem não é contra
nós é a nosso favor**

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo destaca a ação profética de Deus compartilhada com seu povo, de modo especial em Jesus, profeta que vai sofrer muito por causa de sua fidelidade à Palavra de Deus. Na primeira leitura, Moisés não compartilha do ciúme de Josué em relação aos dois homens que profetizam no acampamento por terem recebido o espírito do Senhor. Eles estão a favor de Deus, e não contra Moisés ou Josué. Da mesma maneira, no Evangelho, Jesus é consultado pelo apóstolo João, que havia proibido alguém de expulsar um demônio em nome do Mestre simplesmente por não fazer parte de seu discipulado oficial. Para Jesus, quem não está contra nós está a nosso favor. Jesus amplia seu discipulado para além daqueles que o seguem, os quais nem sempre o compreendem de verdade. Na segunda leitura, Tiago condena os ricos que exploram os pobres e acumulam para si um fruto de injustiça e escravidão exploratória. Toda riqueza incapaz de ser dada para o bem comum não constrói uma sociedade justa e cristã.

Uma história de Israel Leitura crítica da Bíblia e arqueologia

Shigeyuki Nakanose / Luiz José Dietrich
(orgs.) / José Ademar Kaefer / Maria
Antônia Marques / Antonio Carlos
Frizzo



360 págs.

Imagens meramente ilustrativas.



A história de Israel apresentada neste livro é fruto da união do rigor da pesquisa acadêmica e do estudo das línguas bíblicas com pesquisas e viagens de estudos arqueológicos.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 11,25-29)

A primeira leitura deste domingo, do livro dos Números, convida-nos a compreender a vontade divina. Nela vemos Moisés compartilhando com setenta anciãos um pouco do espírito recebido de Deus. Essa experiência nos faz pensar que Deus deseja ampliar o poder profético de seu povo, a fim de que sua Palavra encontre outros ouvidos e corações e venha a salvar a todos. Quanto mais pessoas participarem desse processo, muito melhor para a economia salvífica de Deus.

Contudo, dois dos anciãos, Eldad e Medad, que estavam no acampamento, e não na tenda da reunião junto com Moisés, também receberam o espírito e profetizavam (v. 26). Josué, o filho de Nun, foi avisar o profeta Moisés daquilo que havia acontecido com esses dois homens (v. 27), dizendo: “Moisés, meu senhor, manda que eles se calem!” Moisés respondeu: “Tens ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor lhe concedesse seu espírito” (v. 28-29). Moisés aprova o profetismo de ambos e critica o ciúme “bairrista” de Josué, que parece ser mais um alfandegário de Deus, querendo tudo apenas para si próprio.

Para Moisés, que traduz uma concepção inclusiva de profetismo, é possível que outros possam também profetizar, pois ser profeta não é privilégio, mas dever e missão, que deveria ser assumida por todo o povo de Deus. A concepção de Josué, ao contrário, é excludente, pois ele pensa que só os escolhidos podem profetizar e falar em nome de Deus.

Essa passagem amplia o horizonte da missão profética do povo de Deus e ensina que o profetismo não é atividade exclusiva de alguns iluminados e escolhidos. Deus constantemente faz surgir profetas do meio de seu povo, para que possam levar sua Palavra para outras pessoas, além de Israel. Para tanto, faz-se mister ter um coração

aberto e dócil ao Senhor, a fim de ouvir seus apelos e ir para onde quer que ele possa enviar, mesmo que para o estrangeiro, como fará o profeta Elias (1Rs 17).

2. II leitura (Tg 5,1-6)

Em tom enfático, Tiago admoesta os que fazem de suas riquezas causa de separação, e não de amizade e partilha generosa. A perspectiva é ainda escatológica: as calamidades que atingem os ricos situam-se no horizonte do julgamento, trata-se dos “últimos tempos” (v. 3). Tiago chama a atenção dos ricos (v. 1), pois grande desgraça está para cair sobre eles. Suas riquezas estão apodrecendo e suas vestes, carcomidas de traças (v. 2). Tudo é corruptível: Tiago quer alertar aqueles que se fiam em coisas, depositando sua fé e confiança no dinheiro ou no poder. A imagem é do dinheiro enferrujado, que servirá de testemunho contra eles mesmos (v. 3). O salário daqueles que trabalharam em seus campos está gritando no montante acumulado, na sonegação fiscal e na atitude injusta de não pagar o salário. O Senhor, por sua vez, ouve o clamor dos pequenos, dos injustiçados e vilipendiados pelos grandes patrões injustos (v. 4). O v. 5 condena essa opulência, trazendo a imagem dos corações cevados para o dia da matança, uma alusão às violências com que os ricos oprimiam os justos (Sl 44,23; Sb 2,10-20; Jr 12,1-3). A opressão, segundo Tiago, é verdadeiro escárnio, fruto da ganância. O empobrecimento de alguns gera o enriquecimento de outros. O versículo final (v. 6) fala em assassinato e condenação dos justos por parte dos ricos, tirando-lhes a esperança e a resistência.

Tiago fala hoje da nossa sociedade injusta, que explora a mão de obra barata, cria o serviço escravo, gera riquezas sobre a pobreza de muitos, abre abismos de diferenças sociais, uma massa de pobres e um grupo seleto de ricos. Parece que os

retratos do passado e do presente se fundem num mesmo horizonte de opressão e falta de caridade.

3. Evangelho (Mc 9,38-43.45.47-48)

No Evangelho deste domingo, João, discípulo de Jesus, age de modo semelhante ao discípulo de Moisés, Josué, na primeira leitura: diz ao Mestre que viu alguém expulsar um demônio em seu nome e o proibiu (v. 38). Jesus, por sua vez, afirma ao discípulo: “Não o proibais, pois ninguém faz milagres em meu nome para depois falar mal de mim” (v. 39). E continua: “Quem não é contra nós é a nosso favor” (v. 40). Jesus, tal como Moisés, não pensa de modo exclusivista, descartando aqueles que não são de seu grupo de discípulos. Ao contrário, há muitos discípulos que não estão incluídos de forma ordinária, mas sim extraordinária.

A partir do v. 40, Jesus inicia uma série de ditos sapienciais com base na atitude do discípulo João, que pensa estruturalmente o interior da comunidade discipular e não é capaz de ver além. O v. 41 trata da generosidade de quem nos der de beber um copo de água porque somos de Cristo – essa pessoa não ficará sem recompensa. No v. 42, Jesus admoesta seus discípulos a não escandalizar nenhum dos menores, pois seria melhor a quem age assim ser jogado no mar com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço. Os v. 43.45-47 formam um tríptico de casos de pecado que porventura o discípulo venha a cometer: com as mãos, com os pés e com os olhos. Para o Senhor, seria melhor arrancá-los. Evidentemente, Jesus está falando em sentido metafórico, a fim de que seu discípulo arranque a raiz do pecado, aquilo que o leva para o mal. Isso não significa arrancar os órgãos ou membros do corpo, mas o que os leva a pecar. Jesus quer que o discípulo arranque a causa do pecado, seja a ganância, seja o pôr-se no caminho errado ou o olhar de cobiça ou de desejo perverso.

Deus nos lê pela sua Palavra

Altirez dos Santos



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.



Um itinerário de crescimento na fé, de conhecimento interior e de reforma íntima com base na Palavra de Deus que é o próprio Cristo. Um encontro com o Senhor pela Palavra.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

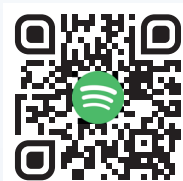
Desse modo, para sermos bons e verdadeiros discípulos de Jesus, capazes de anunciar sua Palavra, somos convidados a romper com as estruturas injustas e perversas que nos conduzem ao pecado.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Perceber que Deus não limita sua ação salvífica. Muitos que estão fora da comunidade eclesial podem viver mais plenamente o amor e nos converter ao amor verdadeiro. Refletir com a comunidade sobre o que fazemos com o uso do dinheiro. Não podemos deixar que a ganância nos cegue, levando-nos ao egoísmo. Ricos podem compartilhar com os pobres e construir uma sociedade mais fraterna. Compreender que Deus chama seu povo para ser seu sinal no mundo, o que não significa privilégio, mas serviço.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 de outubro



O que Deus uniu, o homem não separe

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo tem como temática fundamental o matrimônio. Da ordem natural à ordem teológica, o casamento é dom e graça para aqueles que são chamados a essa nobre vocação de gerar vida e possibilitar a realização e a felicidade de outrem. Na primeira leitura, Deus deseja ao homem uma companheira, que sane a solidão de seus dias. Na segunda leitura, na cristologia de Hebreus, podemos testemunhar Jesus como iniciador da fé e mediador de nossa salvação. No Evangelho, vemos que foi a dureza dos

corações humanos que impetrou o fim das relações e o divórcio. Contudo, Deus criou o ser humano para se relacionar e amar. O Reino deve ser acolhido como dom, como presente do Senhor para que dele façamos parte.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 2,18-24)

O texto sobre a criação da pessoa humana – Gn 2,4b-25 –, originário da tradição javista, apresenta-nos Deus Adonai, que cria o ser humano do pó da terra (Gn 2,7). No v. 18, o Senhor evoca a preocupação com sua criatura, a fim de que não fique só, sem uma companheira: “Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele”. A solidão não é virtude para Deus, mas dificuldade que solucionará, criando para o homem uma auxiliar. Deus cria a pessoa para a relação, para a vida comum, para ser um companheiro para sua auxiliar, a mulher. Pode-se dizer que Gênesis teologiza a lei natural, fazendo dela uma expressão da vontade de Deus: o casamento, que, posteriormente, na tradição cristã, será conhecido como matrimônio.

No v. 19, o Senhor, que também forma todos os animais do pó da terra, os traz a Adão – que, em hebraico, significa “vermelho” ou “terra” –, para que ele os nomeie. Todo ser vivo, assim, teria um nome que Adão lhe concedesse. Pelo uso de sua razão, ele dá nome a todos os seres vivos e os classifica. O Criador divide com sua criatura a capacidade de nomear a criação. Deus não quer tudo para si só, mas inclui a participação do ser humano em sua obra criadora.

Nos v. 20-21, com o sono profundo de Adão, Deus gera Eva, a vivente. Ele a faz da costela do primeiro homem. *Tsela*, em hebraico, significa “lado” – do lado de Adão, o Criador gera sua companheira para

caminharem juntos, revelando seu plano de igualdade entre homem e mulher. Adão exclama: esta é “osso dos meus ossos e carne da minha carne” (v. 23). Assim, ele torna-se cocriador: Eva é derivada dele e ambos se reconhecem como companheiros. No v. 24 culmina a narrativa: “por isso”, em sentido explicativo e conclusivo, “o homem deixará sua casa e se unirá à sua mulher”, e ambos serão uma só carne, na complementaridade que lhes é comum.

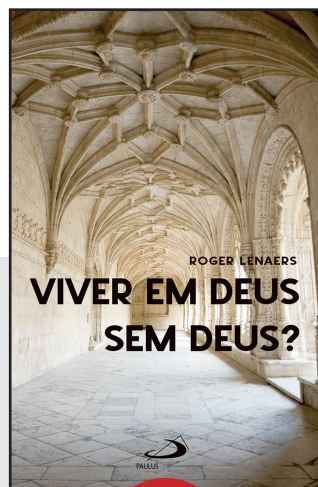
2. II leitura (Hb 2,9-11)

A epístola aos Hebreus é um tratado de fé em Jesus Cristo, o sumo sacerdote, aquele que se entregou na cruz para a remissão dos pecados. Esse texto, que pode ser caracterizado como uma grande homilia, evoca a imagem de Jesus coroado de glória e honra, por ter sofrido a morte (v. 9). A afirmação: “Ele provou a morte em favor de todos”, como está no original grego, expressa a finalidade da vida do Senhor: sua consagração como sumo sacerdote, em preparação para sua morte sacrificial, como é a opinião do exegeta H. Strathmann. Jesus é o iniciador da fé (v. 10); ele nos leva à relação com Deus, o Pai, por quem todas as coisas foram feitas. Tal conceito de Deus como Criador, ligado à primeira leitura, faz-nos encontrar a missão de Jesus Cristo: “conduzir muitos filhos à glória”. Tais palavras nos fazem recordar 1Cor 8,6: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e para quem caminhamos”.

No v. 11, o autor de Hebreus afirma que tanto Jesus, o santificador, quanto os por ele santificados descendem do mesmo ancestral, Adão. Por essa razão, Jesus não se envergonha de chamar todos de irmãos. Em Cristo, somos todos irmãos e irmãs. Ele fez de todos uma grande e única fraternidade.

Viver em Deus sem Deus?

Roger Lenaers



280 págs.

Imagens meramente ilustrativas.



Este livro pergunta pelas consequências da tentativa de inculturar a fé cristã na modernidade. Torna-se essencial para procurar o Deus verdadeiro, cuja imagem tradicional é apenas um esboço provisório, insatisfatório e ultrapassado pela evolução.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

3. Evangelho (Mc 10,2-16)

O Evangelho deste domingo nos apresenta o ensinamento de Jesus sobre o casamento e o divórcio. Trata-se de dois desafios adicionais às pessoas que desejam segui-lo: primeiro, viver casados e cultivar o amor conjugal, viver numa só carne a indissolubilidade do matrimônio; segundo, compreender que o divórcio deixa sequelas difíceis e põe fim à relação conjugal, não sendo para Jesus a melhor opção.

Moisés permitiu escrever uma carta de divórcio. Jesus considera o ensinamento de Dt 24,1-4 uma concessão à fraqueza humana e uma dispensa do plano original do Criador para o casamento, a união entre homem e mulher. Deus uniu, mas as pessoas insistem em se separar; em outras palavras, é isso que Jesus quer dizer à comunidade que o segue. Nos vv. 13-16, vemos que trazem a Jesus criancinhas para que as toque e abençoe. O Senhor diz que quem não receber o Reino dos Céus como uma criança nele não entrará: para ele, a alegria de receber o Reino como dom e presente é fundamental.

O v. 2 começa com uma questão proposta pelos fariseus, que põem Jesus à prova: “É lícito ao marido repudiar a mulher?” Em outras palavras: divorciar-se da mulher é algo lícito? A questão diz respeito à legalidade do divórcio, não às causas que levam a ele (Mt 19,3). Os questionadores parecem saber da proibição, por parte de Jesus, em relação à separação. Tal questão pode ter sido levantada para criar maior animosidade entre Jesus e a família de Herodes, na qual havia muitas separações. No v. 3, Jesus evoca o que disse Moisés: o texto de Dt 24,1-4 toma a instituição do divórcio como algo comum, quando o marido decide divorciar-se de sua esposa, proibindo-a de uma segunda união. A resposta dos fariseus (v. 4) afirma que Moisés permitiu escrever à mulher uma carta de divórcio e despedi-la. A lei era favorável ao homem, o detentor dos direitos. Contudo,

para Jesus, foi por causa da dureza do coração deles que Moisés escreveu esse mandamento.

A dureza de coração é aquilo que contradiz o mandamento primeiro (v. 5). Para Jesus, é preciso voltar à criação (v. 6), na qual Deus fez a pessoa humana. Então, o homem deixará sua casa, pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne (v. 7). Para o Senhor, esse é o verdadeiro mandamento de Deus e todo o resto corresponde à ressignificação desse mandamento à luz dos interesses do homem e do endurecimento de seu coração.

Para a tradição bíblica, o termo *Lev* – em hebraico, “coração” – é o lugar em que se originam o bem e o mal. O coração, para o judaísmo, tem competências como o próprio cérebro, levando o ser humano ao discernimento e à ação. O v. 8 repete: “não são dois, mas uma só carne”. A repetição é intencional, pois forja o sentido mesmo da união esponsal, garantindo a indissolubilidade da união. A quebra desse vínculo ameaça a vitalidade das duas partes, que se permitiram forjar-se em um só. O v. 9 corresponde ao desfecho: “o que Deus uniu, o homem não separe”. Tal imperativo se transforma também em possibilidade de condicionalidade: será que de fato Deus uniu? Pois a união perfeita, o amor, só perdura quando Deus se faz presente na união desejada pelo casal: havendo a ruptura da presença divina, que une, divisões são instauradas e permitem ao fim chegar.

O v. 10 apresenta o cenário da casa, onde os discípulos voltam ao mesmo assunto. Já nos vv. 11-12, há a resposta por parte de Jesus: “Quem se divorciar de sua mulher e casar-se com outra, cometerá adultério contra a primeira. E se a mulher se divorciar de seu marido e casar-se com outro, cometerá adultério”. Também o homem pode se tornar adúltero em uma sociedade que o privilegia. Para Jesus, tanto o homem quanto a mulher estão sujeitos ao pecado do adultério. O peso não recai somente sobre um deles.

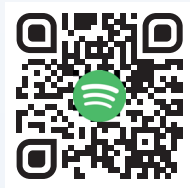
Nos v. 13-16, as pessoas trazem crianças a Jesus a fim de que ele as abençoe. O Senhor diz que quem não receber o Reino como essas crianças não poderá nele entrar. Ele então as abençoa, impondo-lhes as mãos. É importante notar que receber o Reino como uma criança é deixar-se alegrar com ele. O Reino é um presente, um dom de Deus para todo ser humano. Isso significa deixar-se encantar e alegrar por ele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Evidenciar que a comunidade cristã é lugar da aliança com Deus. O matrimônio é dom que leva o casal à santificação, ao serviço ao Reino de Deus. Levar a comunidade a crer em Jesus Cristo como mediador universal da salvação. Compreender que o matrimônio é dádiva que deve ser vivida. O divórcio, porém, é fruto da incompreensão da indissolubilidade, no qual as intransigências ganham força, minando o amor.

BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DA CONCEIÇÃO APARECIDA – RAINHA E PADROEIRA DO BRASIL

12 de outubro



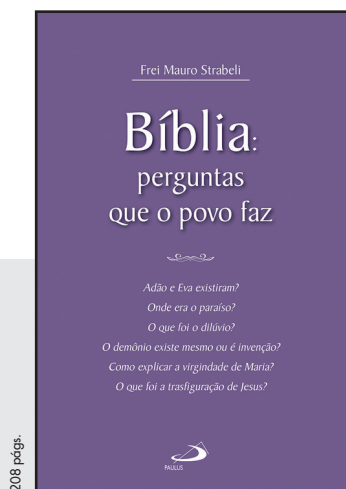
Maria, mãe de clemência

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje celebramos a solenidade da Bem-aventurada Virgem Maria da Conceição Aparecida, rainha e padroeira do Brasil, e também o dia das crianças. Suplicamos a Deus seus favores, copiosas e clementes bênçãos para nossas crianças, futuros homens e mulheres que continuarão neste mundo a missão de edificar seu Reino de justiça, amor e paz.

Bíblia: perguntas que o povo faz

Frei Mauro Strabeli



208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Ao responder às perguntas mais comuns do povo sobre a Sagrada Escritura, o autor liberta a leitura da Bíblia dos entraves que dificultam a compreensão do que o texto tem a dizer sobre a caminhada social e histórica do povo de Deus.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

Na primeira leitura, do livro de Ester, somos exortados a nos transformarmos todos em intercessores de uns pelos outros. Nossa fé não deve ser um amuleto, mas um instrumento de comunhão e desejo de bem para os outros. Também isso pode ser evidenciado no Evangelho, que nos insere na cena de Caná, das bodas com o noivo Jesus. Ele vem nos conceder o vinho novo da alegria. Quem intercede por nós em nossas carências é sua mãe, exemplo de intercessora fiel. A segunda leitura traz a imagem de uma mulher que se levanta para destruir o dragão, símbolo do mal. Essa mulher combate as forças perversas que desejam assolar a humanidade e é símbolo da Igreja, a qual deve ser mãe e mestra a cuidar de nós e nos guiar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3)

Ester, importante personagem bíblica, no livro que carrega seu nome, surge para justificar a origem da importante festa judaica de *Purim*, ou festa da Sorte – “tirar a sorte”, em tradução do hebraico. O cenário desse livro situa-se no período persa (aproximadamente 350 a.C.). Contudo, muitos estudiosos situam a redação do livro no período conturbado de Antíoco IV Epífanes, por volta do ano 170 a.C.

A narrativa do livro mostra a trajetória de uma personagem chamada Ester, uma judia levada para o reino de Assuero. Ela tem um inimigo dentro do reino, chamado Amã, mas conta com a ajuda de seu primo Mardoqueu. O rei Assuero se encanta com Ester e a torna sua esposa. Ela, no momento certo – evidenciado na narrativa desta primeira leitura –, ao entrar nos aposentos do rei, faz-lhe um pedido: que ele conserve sua vida e a vida de seu povo (Est 7,3).

A trama se desenrola sob o clima de traição dos servidores do rei, o qual conta com a fidelidade de Ester e do primo dela, Mardoqueu. Amã, que havia conseguido deturpar

a ideia do rei sobre a influência dos judeus naquelas terras, faz que Assuero decreto o *Purim*, o dia da sorte, para consumir seu plano de matá-los. Ester pede que o rei volte atrás em tal decreto, mas o rei não pode reeditá-lo. Contudo, a rainha o convencerá a escrever outro decreto, permitindo que seu povo lute, em resistência, contra o exército persa e medo (da Média). Os judeus, antes do ataque medo-persa, exterminam inúmeros persas e não são mortos, segundo havia decretado anteriormente o rei Assuero.

A trama narrada nesta solenidade começa com a afirmação de que Ester tocou na ponta do cetro real, símbolo de poder. Como ela tem íntima proximidade com o rei, intercede junto a ele por seu povo e obtém dele a decisão de não fazer o povo judeu perecer pela oposição de Amã e de todo o exército persa.

2. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

O capítulo 12 do Apocalipse de São João pode ser considerado o coração desse livro. Nele, a humanidade e a desumanidade contracenam num combate apocalíptico. A mulher é símbolo do que humaniza, do que traz o Homem-Deus ao mundo, irradiando a todos o poder salvífico. O dragão, em contrapartida, representa tudo o que desumaniza e destrói a humanidade; é a personificação do mal. Ele é derrotado pela mulher, símbolo da Igreja, que dá à luz Cristo no mundo.

No céu aparece um grande sinal: uma mulher vestida de sol. A cor dourada simboliza Deus; a lua debaixo dos pés, o mistério daquilo que a ilumina; as doze estrelas que a coroam, os apóstolos que adornam a Igreja, esposa de Cristo. Ela dá à luz um filho – o próprio Cristo, a quem o dragão quer devorar (v. 5). O filho é um varão com cetro de ferro, lembrando o Messias, o Senhor que vai governar o mundo. O dragão persegue essa mulher. Ele representa o Império Romano, que, no final do século I, sob o domínio

do imperador Domiciano, quer destruir a mulher, a Igreja. A mulher está sempre relacionada a Cristo – v. 15. Ela está ligada ao menino que havia dado à luz.

Toda a cena apresenta o dragão com um poder dominador e destrutivo, que, no entanto, não causa danos ou males à mulher. Dela a terra vem em socorro, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão havia vomitado. Embora muitas vezes seduzida por aquilo que o dragão é capaz de oferecer-lhe, a terra, nesse momento, sente-se responsável por se solidarizar com a mulher, portadora não só das marcas da fragilidade, mas também da vitalidade, pois trouxe à vida o filho, o único que pode salvar o mundo.

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

As bodas de Caná, título pelo qual é conhecido o Evangelho desta solenidade, constituem uma metáfora da fé inaugural dos discípulos em Jesus. Essa narrativa vai da falta ao excesso, do mistério desconhecido ao conhecido, daquilo que não tem sabor ao vinho melhor até agora. Nela se destaca o cuidado da mãe de Jesus, que, atenta às necessidades dos noivos, diz: “Eles não têm mais vinho” – exprimindo sua preocupação com a falta de alegria, o significado do vinho.

Em Caná estavam, como convidados, Jesus, sua mãe e seus discípulos. A mãe de Jesus parece ter proximidade com os “noivos”, que muito pouco aparecem na trama. O noivo, teologicamente dizendo, é o Filho, Jesus. A noiva é a Igreja – e, portanto, todos nós, que vamos, desde o início do Evangelho de João, buscar descobrir quem é Jesus, para com ele celebrar as núpcias, uma relação de proximidade, comunhão e perfeita alegria.

Há um problema na festa: o vinho veio a faltar. Numa festa, o vinho simbolizava a alegria, a comunhão e a festividade dos momentos ímpares como um casamento. Era o terceiro dia, a terça-feira, seguindo o

Leitura orante da Bíblia

Paulo Bazaglia



16 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra atende ao anseio da Igreja, que pede a nós uma leitura da Palavra de Deus feita diariamente e de maneira orante, para que ela penetre em nosso coração e cause em nós os efeitos necessários.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

costume judaico de se casar e de se dar em casamento. A mãe de Jesus dirige-se a seu filho, dizendo-lhe: “Eles não têm mais vinho”. O vinho, como os quitutes do casamento, deveria ser calculado, a fim de que não viesse a faltar durante os sete dias de celebração. Jesus, por sua vez, diz: “Senhora, o que tenho a ver com isso? Minha hora ainda não chegou”. A hora é uma temática teológica importante para o Quarto Evangelho, traduzindo o momento da *doxa*, a glória de Jesus, que será sua morte e ressurreição, momento verdadeiro de transformação.

A mãe de Jesus diz aos serventes que façam o que seu filho disser. Jesus, de sua parte, diz: “Enchei as talhas de água”. As talhas, como explica João a leitores possivelmente não judeus nem piedosos, serviam para as abluções – purificações feitas pelos judeus com o *mikvah*, uma jarra com duas alças usada para tirar a água de uma talha e lavar as mãos, até ficarem limpas.

Jesus, assim, ao transformar água em vinho, traz-nos um sinal, revelador de exuberância e mistério. As seis talhas simbolizam os dias da criação, que se deixam transformar em dias de alegria, rumo ao sétimo dia, o da plenitude.

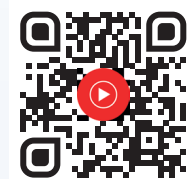
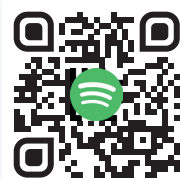
Os convivas, os noivos e o mestre de cerimônia devem provar desse novo vinho, que os conduzirá à alegria perfeita. Por isso, o mestre de cerimônia prova do vinho, que é a perfeita comunhão com o noivo. Este – que, na verdade, é Jesus – ouve: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, serve o vinho menos bom, mas você guardou o vinho melhor até agora”. Esse vinho novo é o próprio Cristo, que, ao ser experimentado por nós, seus discípulos e discípulas, nos enche de fé. Isso é não apenas um milagre, que fala por si, mas é também um sinal, que indica as realidades que virão: a comunhão perfeita e a alegria, das quais Jesus nos convida a participar.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Somos chamados a compreender o significado libertador das atitudes das mulheres nas leituras. Ester (primeira leitura), a mulher, símbolo da Igreja (segunda leitura), e a mãe de Jesus (Evangelho) demonstram força e cuidado. Elas se preocupam com a vida da humanidade, com o bem-estar social e com a realização de cada ser humano. A força das mulheres na sociedade e na Igreja deve ser mais valorizada. Elas devem ter maior espaço, voz e direitos nas esferas de decisão, de organização e nas frentes de trabalho. A mulher exerce no mundo uma força criativa exuberante. Perceber que a humanidade pode conviver harmoniosamente se todos cooperarmos para assegurar a justiça e o direito a cada pessoa.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de outubro



“Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres”

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida ao seguimento de Jesus, por meio da temática do desapego. Na primeira leitura, o sábio nos inspira a buscar exaustivamente a sabedoria, pois somente essa virtude pode nos trazer a paz, a alegria e o contentamento de vida. Na segunda leitura, o autor de Hebreus interpela-nos para que compreendamos a Palavra de Deus como realidade viva e eficaz, que nos faz vivenciar seus efeitos de paz, de justiça e de bem. Já no Evangelho, Jesus relativiza os bens materiais em vista de seu seguimento. Acolher o Reino como dom é participar de nova forma de viver a vida, tendo como paradigma Jesus, pobre

e disponível para realizar a vontade do Pai. Jesus nos aconselha a primeiramente doar nossos bens aos pobres para depois segui-lo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 7,7-11)

O texto do livro da Sabedoria nos diz que, pela oração, o sábio pediu prudência e Deus lhe concedeu (v. 7); suplicou-lhe e veio até ele o espírito de sabedoria. *Hokmah* é o termo hebraico para sabedoria, que vem de Deus mesmo; ela é a virtude especial que vem do Senhor. Deus, o sábio por excelência, compartilha seu dom precioso com cada um de nós. Cultivar a sabedoria é um exercício constante que nos permite viver a harmonia em meio aos descompassos da história, na qual a vida se instala e se encontra. O v. 8 diz que aquele que a busca a prefere aos cetros e tronos, pois estes são passageiros e somente a sabedoria conduz à salvação.

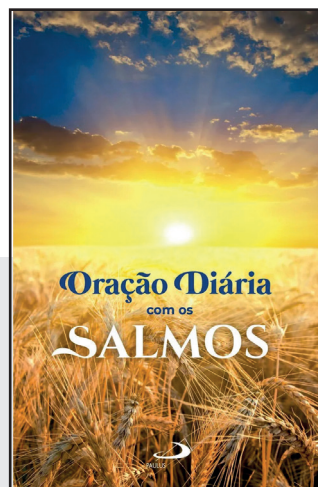
Diante dela, o ouro e a prata não têm nenhum valor (v. 9). O v. 10 resume a trajetória do sábio, que ama a sabedoria mais que a saúde e a beleza, dons passageiros, pois logo envelhecemos e morremos. O sábio deseja possuí-la mais que a luz, pois com a sabedoria ele pode caminhar para a luz, construir a paz e fazer valer a justiça. Para ele (v. 11), toda riqueza vem por meio dela. Ela é a fonte de todo bem e de toda construção que o ser humano deseja realizar. Sendo sábio, o ser humano vai evoluindo e transformando o mundo à sua volta, também a consciência das pessoas e os projetos os quais ele é capaz de influenciar. A sabedoria é fonte de vida plena e de toda justa riqueza.

2. II leitura (Hb 4,12-13)

O autor de Hebreus afirma que a Palavra de Deus é viva e eficaz. Sua vivacidade é fruto do Senhor, que a inspira ao ser humano. A Palavra é viva porque Deus mesmo é o autor da vida, aquele que a criou e a plasmou com seu ser (v. 12). Portanto, a eficácia da Palavra é a salvação humana: Deus nos destinou para

Oração diária com os Salmos

Nilo Luza



184 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Os Salmos formam um verdadeiro livro de oração: levam as pessoas e as comunidades a abrir seu coração diante de Deus, sem tirar os pés do chão. Rezar os salmos é uma forma de santificar o dia e se aproximar ainda mais de Deus.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

sermos salvos e libertos. Sua Palavra serve de caminho favorável para a construção e substanciação dessa salvação, pois a alegria de Deus é a salvação de cada pessoa (Santo Irineu de Lião). A Palavra é cortante como espada de dois gumes: fere o coração com sua eficácia salvífica, primeiramente nos convertendo, nos conduzindo para Deus e, em seguida, nos levando a cumprir seus desígnios. Ela é cortante, divide alma e espírito, medula e articulações. Seu poder é profundo em nós, causando-nos uma *afecção*, oferecendo-nos suas virtudes, exigindo-nos a conversão de nossos defeitos. A Palavra ainda julga nossos pensamentos e as intenções do nosso coração. Desse modo, serve de critério para nosso agir: se fazemos ou não a vontade de Deus. No v. 13, Hebreus nos ajuda a compreender que não existe ser que possa ocultar-se diante da Palavra, pois ela é o próprio Deus, com quem nos encontramos. Diante dela, tudo está nu, e só a ela nos cabe prestar contas. Para o autor sagrado, a Palavra é o crivo da razão de ser de um fiel: é lâmpada para os pés, luz para os caminhos. É alimento que fortalece o ser humano no exercício e no cumprimento da vontade divina.

3. Evangelho (Mc 10,17-30)

Na sequência do texto de domingo passado, o Evangelho deste dia nos convida a um seguimento radical: “vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e segue-me”. Seguir Jesus é relativizar todas as outras coisas, a fim de que ele seja absoluto em nossa vida e acolhamos seu Reino, já presente entre nós, ao qual pertenceremos completamente na eternidade. O v. 17 nos introduz na cena: Jesus caminhava quando alguém lhe dirigiu uma pergunta, ajoelhando-se diante dele e dizendo: “Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?” Tal pergunta foi respondida por Jesus com outra: “Por que me chamas de bom? Só Deus é bom” (v. 18). Em seguida, Jesus o interroga acerca do conhecimento dos mandamentos de Deus: “não matarás;

não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho; não prejudicarás ninguém; honra teu pai e tua mãe!” (v. 19).

A pessoa responde a Jesus que, desde sua juventude, tem observado tudo isso (v. 20). Trata-se de se justificar diante do Senhor. Para ganhar a vida eterna, porém, não basta praticar o que se pode alcançar; é necessário um fazer sagrado, que exige conversão, ajustamento à vontade de Deus. Nesse caso, Jesus oferece um olhar amoroso (v. 21), baseado nos esforços genuínos do ser humano e em seu êxito em observar os mandamentos da Lei de Deus. “Fitando-o, Jesus o amou” significa que o olhar do Senhor identifica naquele homem um desejo de ser justo e de se ajustar à vontade divina.

Esse amor conduz o chamado para o discipulado (v. 21): “Só uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e segue-me”. Trata-se de um amor exigente. No judaísmo, a riqueza era tida como um sinal de favor divino, do qual resultava a obrigação de dar esmola aos pobres. Ao homem, porém, não se pede que somente dê esmolas aos pobres, mas também que compartilhe o estilo de vida de Jesus, pobre por natureza, vivendo de forma empobrecida, desapegada de bens materiais. Jesus depende apenas de Deus e por isso proclama a vinda iminente de seu Reino, que não se conforma aos reinos humanos, dos poderosos, nem os imita. Jesus é, para todos, o protótipo daquele que doou sua riqueza total aos pobres, fazendo-se pobre para nos salvar e nos enriquecer com sua graça salvífica.

O v. 22 descreve o sentimento do homem rico, incapaz de abdicar de seus bens para seguir Jesus. Seu sentido de estabilidade, sua valorização do aspecto monetário, seus bens valem mais que a aventura de seguir um “desconhecido”, que parece ser o único que o olhou com amor. Ele se sente abatido e triste, volta para casa aborrecido, porque era muito rico. Sua riqueza não lhe traz felicidade. Ao contrário, é difícil desapegar-se dela para seguir o Mestre, homem

pobre de Nazaré. Fixar-se em certezas é o que parece garantir ao coração do homem o sentido de não desamparo. Com razão, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, afirma que o constitutivo de todo sujeito humano é o desamparo. Neste caso, a riqueza parece sanar o vazio que o desamparo instalaria no coração desse homem. No entanto, é esse mesmo desamparo que faz um discípulo seguir Jesus, pois o Mestre é capaz de amar quem o segue, amor demonstrado em seu olhar para o homem rico. Do ponto de vista bíblico, há poucos olhares como esse de Jesus na Sagrada Escritura. Estamos todos, como seres desamparados, em busca de um olhar que nos ame e nos compreenda, mesmo que seja para certificar que estamos aquém da competência que Jesus demanda de nós: a radical entrega para segui-lo.

O v. 23 detalha então o olhar de Jesus para seus discípulos. Do homem, Jesus passa as vistas àqueles que o seguem, mesmo com suas imperfeições, uma vez que deixaram suas casas e famílias para estar ali, no caminho com o Senhor. No v. 25, Jesus constata e confirma: “Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” Trata-se de imagem grotesca, concordamos. A substituição de *Kamelon*, “camelo”, por *Kamilon*, “corda”, em alguns manuscritos, e a extravagante ideia de que havia um portão em Jerusalém através do qual um camelo poderia se espremer são tentativas de abrandar essa hipérbole.

Todos ficam espantados (v. 26) e se perguntam quem poderá, afinal, ser salvo. Jesus, olhando-os novamente, diz que para as pessoas se salvarem é impossível, mas para Deus tudo é possível. A salvação é um dom, que nos cabe acolher. Para o rico não é impossível se salvar, desde que relativize sua riqueza, fazendo dela serviço aos pobres, e acolha generosamente o Reino como dom

Novo comentário bíblico São Jerônimo Antigo Testamento

Raymond E. Brown / Joseph A. Fitzmyer
/ Roland E. Murphy (orgs.)



1264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, se encontram artigos mais amplos concernentes à história de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

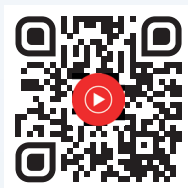
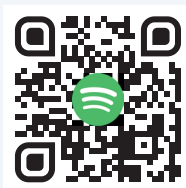
supremo. No v. 28, Pedro afirma que todos ali deixaram tudo para seguir o Senhor. O Mestre, por sua vez, responde que todo aquele que deixou tudo para segui-lo receberá o cêntuplo nesta vida e, no mundo futuro, a eternidade (v. 29-30). Jesus promete recompensas não apenas no *eschaton*, mas no tempo presente. A expressão “perseguições” (v. 30) parece ser uma peculiaridade redacional de Marcos, sugerindo que o discipulado implica desafios e dificuldades.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ajudar a comunidade a discernir que o dinheiro é importante, mas não é o que confere felicidade ao coração humano. É preciso ser sábio e viver com o necessário para ser feliz. O que temos em excesso pode nos impedir de seguir o Senhor. Cabe-nos pôr nossos bens a serviço dos vulneráveis. Buscar a sabedoria é fundamental para seguir Jesus, tornando-nos abertos a seu convite ao discipulado. Sua Palavra torna-se eficaz e viva à medida que somos afetados por ela e nos dispomos a servir e amar.

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

20 de outubro



“Quem quiser ser grande
seja vosso servo”

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos ajuda a vislumbrar em Jesus Cristo o Servo de Deus por excelência. Ele é quem tira do mundo o pecado (Jo 1,29). Na primeira leitura, Isaías faz-nos encontrar com esse Servo de Adonai, que oferece sua vida para ser macerada. Essa personagem cumpre fidedignamente

a vontade de Deus; por isso, faz justiça à dignidade daqueles pelos quais entrega sua vida. Em Hebreus, na segunda leitura, o autor nos faz entender que Jesus é o sumo sacerdote eminente, que, em seu trono de glória, faz brotar a misericórdia e a justiça de Deus. No Evangelho, o Senhor ensina a seus discípulos a difícil tarefa de servir. Ele não quer que seus discípulos se percam na satisfação aparente que o poder pode lhes conceder, mas os chama a servir a todos, como servos simples e humildes.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 53,10-11)

O profeta Isaías, no conjunto dos cânticos do Servo sofredor – *Ebed Adonai*, em hebraico –, retrata a vida do povo no exílio da Babilônia, em um tempo de sofrimento e de duras provações. Isaías destaca que esse personagem corporativo deve cumprir a vontade do Senhor. Para tal, Deus oferece a vida do Servo em sofrimento e maceração. Ele terá uma existência duradoura, cumprindo com êxito a vontade do Senhor (v. 10). Esse Servo é obediente e fiel, uma vez que acolhe os desígnios de Deus. Na verdade, a vida do povo é vista à luz de sua relação com o Senhor. Ele os destinou à salvação, desde o momento da criação; depois, no desenrolar da história da salvação, quis atraí-los para si, levando-os para uma terra onde corria leite e mel. Deus os livrou das mãos dos egípcios e agora os acompanha no exílio. Israel, de sua parte, é infiel a Deus e por isso pagará as consequências de suas desobediências e idolatrias. Por ter caído na infidelidade, Israel sofrerá.

No v. 11, o profeta diz que, por sua vida de sofrimento, o Servo que sofre encontrará a luz e uma ciência perfeita. O Servo, o justo, fará justiça a todos, carregando sobre si suas culpas. Esse Servo de Adonai, o *Ebed*, traz sobre si os pecados de toda a humanidade. Desse modo, incorpora a remissão de todos.

Particularmente, traz sobre si os pecados de Israel infiel, que, guiado por suas lideranças, deixou de obedecer a Deus; invocando falsos ídolos, deixou de agir eticamente, segundo a vontade daquele que o criou. Deus é bom a todo tempo, mas seu povo nem sempre o é: deixou-se corromper pelo pecado da idolatria; ao adorar ídolos, deixou-se corromper em suas formas de viver, sem levar em consideração o *direito* e a *justiça*.

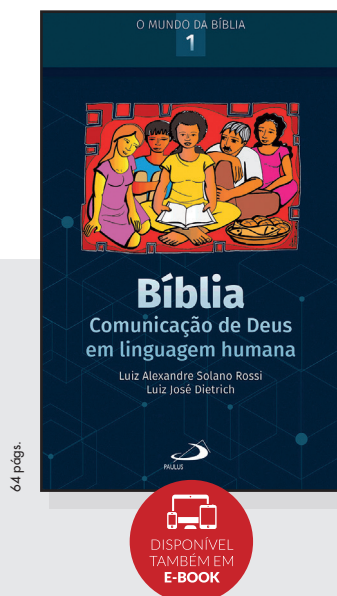
2. II leitura (Hb 4,14-16)

O autor de Hebreus evoca a imagem do “sumo sacerdote eminente”. O v. 14 é a única passagem no texto em que Jesus é designado dessa forma – geralmente o autor o trata como sumo sacerdote ou simplesmente como sacerdote. A intenção é enfatizar a superioridade de Jesus sobre a instituição do “sumo sacerdote judaico”, com o qual ele é comparado com certa frequência. Assim, Hebreus nos convida à convicção de fé em Cristo, à firmeza naquilo que professamos. Jesus é compreendido pelo autor dessa bela homilia como aquele que firma nossa fé, que confirma nossa salvação. Podemos fazer um paralelo com o Servo da primeira leitura, que oferece sua vida para salvar a de outros.

O v. 15 atesta a compaixão que podemos experimentar em Jesus Cristo, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, exceto no pecado. Cristo e os cristãos são tentados a todo tempo. A diferença real entre o Senhor e seus seguidores é que o Filho de Deus jamais sucumbiu a tais tentações. Por essa vida de santidade, ele nos garante a salvação que esperamos e em que confiamos. No v. 16, de forma parenética, exortando-nos à confiança da fé, o autor faz o convite a que nos aproximemos do trono de Deus (Hb 8,1; 12,2). O reinado de Jesus exaltado é um tema frequente em Hebreus, utilizando o Salmo 110,1 e evidenciando, assim, o trono de Jesus. Ele é o verdadeiro sumo sacerdote, trono de Deus que se tornou trono da graça.

Bíblia Comunicação de Deus em linguagem humana

Luiz Alexandre Solano Rossi / Luiz José Dietrich



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro trata da importância de nos aproximarmos da Bíblia de forma mais consciente, adotando um método de leitura e um critério de interpretação que buscam compreender as palavras escritas e a mensagem por trás do texto.



Aponte a câmera
do seu celular
e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

Nele alcançamos a misericórdia e a graça do auxílio no momento oportuno. Hebreus nos apresenta, portanto, bela cristologia que incorpora a imagem tanto do Servo do Senhor como do sacerdote e mediador da salvação, aquele que nos garante a vida eterna.

3. Evangelho (Mc 10,35-45)

Na segunda metade do Evangelho de Marcos, logo após a confissão de fé feita por Pedro em Cesareia de Filipe (8,27-30), encontramos verdadeiro descompasso entre o que Jesus se considera e aquilo que os discípulos compreendem a seu respeito. O Cristo é o novo Servo de Adonai, que vem para resgatar o mundo do pecado (v. 45) – essa mensagem é o clímax do Evangelho deste domingo. Os discípulos, por sua vez, da mesma maneira que Simão Pedro, não compreendem ao certo quem é Jesus. Estão seguindo o Senhor, mas acreditam ser ele um homem que se mobilizará para tomar o poder político na cidade de Jerusalém. Jesus, contrariamente, põe-se na posição de servo; não vem para ser servido, mas para servir e dar sua vida para a salvação de muitos.

Os discípulos, como se estivessem surdos aos ensinamentos de Jesus, produzem um incidente que lança maior luz sobre a obtusidade deles a respeito do sentido do seguimento que estão vivenciando. Trata-se da solicitação de Tiago e João (v. 37) de que um se sente à direita e outro à esquerda de Jesus. O Senhor, de sua parte, apresenta três breves respostas: 1) um lugar no Reino exige sofrimento (equiparado aos sofrimentos que serão vividos por ele, pois é um texto pós-pascal – v. 38-39); 2) não é sua a prerrogativa de determinar o *status* no Reino que vem (v. 40); 3) liderança, na comunidade messiânica de Jesus, significa serviço humilde (v. 41-45).

Tiago e João, juntamente com Pedro, formavam o círculo mais próximo de Jesus, um círculo de amizade, que acompanhou

o Mestre até mesmo em sua transfiguração na alta montanha (Mc 9,2-13). Eles, porém, não compreendendo o destino de Jesus logo após esse evento, pedem ao Senhor que tenham um lugar ao seu lado em sua glória. Em Mateus 20,29, é a mãe dos apóstolos que faz a solicitação, o que corresponde à tentativa mateana de abrandar o tom negativo dessa situação – a qual foi tratada com muita naturalidade por Marcos. Vale esclarecer que Marcos compreende bem o desencontro entre o convite de Jesus para o seguimento e a incompreensão por parte dos discípulos. Estes estão sempre alguém do convite de Jesus.

O v. 37 relaciona o lugar direito e esquerdo com a glória do Reino vindouro ou que esperavam que Jesus instaurasse. Talvez a imagem se relacione também com a entronização de Jesus como juiz escatológico ou, mais provavelmente, como aquele que preside ao banquete messiânico. O v. 38 elabora a imagem do cálice e do batismo, dizendo respeito ao sofrimento e à morte (Is 51,17-22; Sl 69,2-3). O cálice também evoca a Eucaristia, memorial celebrado por Jesus na paixão (Mc 14,23.36). No v. 39 se destaca o protesto confiante dos discípulos – registro repleto de ironia, à luz de sua covardia durante a paixão. Vale ressaltar que, nos Evangelhos sinóticos, os discípulos desaparecem após a tripla negação de Pedro; somente permanecem em cena as mulheres, que vão ao Gólgota assistir à crucificação de Jesus, depois embalsamam seu corpo e, no terceiro dia, o testemunham ressuscitado, encontrando o sepulcro vazio.

No v. 40, encontramos a expressão “não cabe a mim” – apontando para uma prerrogativa do Pai. Esse dito implica uma subordinação de Jesus ao Pai, constituindo um texto muito explorado pelos arianos nos debates cristológicos antigos. Para quem esses lugares estão preparados, não fica bem claro. O v. 41 traduz a indignação dos dez

discípulos. Jesus começa a ensiná-los, e a ironia marca profundamente esses ensinamentos. Por exemplo: “aqueles que governam as nações” – governar e dominar representa o *modus operandi* daqueles que tiranizam. O v. 43 marca o modo de ser dos que se propõem seguir Jesus: “aquele que dentre vós quiser ser o grande, seja vosso servo”.

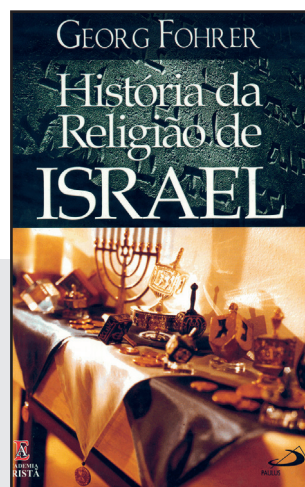
O termo-chave em Mc 9,35 é *diakonos*, que literalmente significa “aquele que serve à mesa”, servo de todos. Aqui, no v. 44, usa-se *doulos*, termo com uma carga ainda maior de humildade do que *diakonos*. Por fim, Jesus conclui com aquilo que pode fazer conexão intrínseca com a primeira leitura: o Servo sofredor. Ele utiliza a imagem do Filho do Homem, que retrata sua própria humanidade: “não veio para ser servido, mas para servir”. Trata-se de dizer que Jesus é o novo Servo de Adonai, que toma sobre si as dores da humanidade e a salva, redimindo o ser humano de sua condição de pecador. “Dar a sua vida em resgate de muitos” refere-se ao martírio (Mc 2,50; 6,44). *Lytron*, “resgate”, transmite a ideia de libertação por compra em favor de alguém em cativeiro, de um escravo ou ainda de um criminoso. “Por muitos” faz ecoar Isaías 53,11-12, a figura do Servo sofredor que traz sobre si as misérias e chagas de seu povo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Convidar a comunidade cristã a reconhecer em Jesus o Servo de Deus por excelência, redescobrimo nele o verdadeiro sentido de seguimento. Não seguimos pessoas e pastores, mas a Cristo, Filho de Deus. Oferecer equilibrada compreensão do discipulado em nossas comunidades: os maiores entre todos são aqueles que servem com humildade e mansidão. Aprofundar a ideia de que o sacerdócio de Jesus completou toda a salvação e nosso sacerdócio pelo batismo nos associa a ele, que por nós morreu e ressuscitou.

História da religião de Israel

Georg Fohrer



544 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Uma leitura obrigatória para quem deseja conhecer melhor as crenças, os rituais, os conflitos, os intercâmbios, as instituições da religião do antigo Israel nos tempos bíblicos.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br



“Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje a liturgia nos convida a recuperar a alegria e a esperança messiânicas para seguir Jesus. É preciso, para tanto, romper a cegueira da fé e ver em Jesus o Servo do Senhor que nos ensina também a servir. Na primeira leitura, o profeta Jeremias convida os exilados da Babilônia a não perder a fé em Deus, o libertador. Deus já libertou seu povo inúmeras vezes; tardará, mas não faltará. No Evangelho, a cura da cegueira de Bartimeu corresponde à progressão da fé em Jesus e do seu seguimento. Somos convidados por Bartimeu a deixar nosso manto de proteção, saltar para a fé em Cristo e segui-lo. Na segunda leitura, Hebreus nos convida a ver em Jesus o sumo sacerdote que se compadece de nós e nos salva, convidando-nos a viver uma comunidade sacerdotal, capaz de se compadecer das misérias das pessoas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,7-9)

O profeta Jeremias, cujo nome hebraico significa “Deus estabelece” ou “Deus exalta”, nos capítulos 30 e 31, conhecidos como “livro da consolação” de Israel, dirige-se provavelmente aos deportados do Reino do Norte – com a queda da Samaria em 722-721 a.C., sob o reinado de Josias, que submeteu parte do antigo Reino do Norte. Jeremias reacende no coração do povo a esperança da volta para a terra, após a deportação infligida pelos assírios. As palavras do profeta acendem

também o ânimo e a coragem dos exilados em 597 e 587 a.C. Ele não foi deportado para a Babilônia, mas permaneceu em Judá, morrendo em 585 a.C., anos após o exílio ter-se iniciado. Deus o poupou da morte pelas mãos dos babilônios (Jr 39,17-18).

O profeta convida a todos a exultar por Jacó, pois o Senhor fez voltar os exilados, o resto de Israel juntou de novo. “Salva, Senhor, o teu povo, o resto de Israel” (v. 7) é prece de confiança do profeta. Jeremias ainda traduz a voz de Deus, que fará voltar para a terra seu povo – pobres, cegos, aleijados, mulheres grávidas e parturientes. O v. 8 afirma ser grande a multidão que volta.

Os exílios igualam o povo: já não há puros e impuros, bons e maus, todos sofrem e são considerados pecadores pelo que está acontecendo. Desse modo, como palavra de esperança e conforto, o profeta Jeremias levanta sua voz e diz: “Eles voltarão entre lágrimas e eu os receberei entre preces, eu os conduzirei por torrentes d’água”. Deus ama seu povo, que sofreu com os exílios. Não obstante, o povo não foi poupado, pois conhecia os preceitos divinos, mas ainda assim pecou. Dessa maneira, o exílio servirá de purificação, como fonte de renovação espiritual. Deus se considera pai de seu povo, por isso o congrega novamente, lembrando-se de sua infinita misericórdia (v. 9). Portanto, o profeta Jeremias é a expressão de um Deus que se comove de amor por seu povo, que não o abandona, mas virá para salvá-lo.

2. II leitura (Hb 5,1-6)

O autor de Hebreus, em continuidade com a cristologia desenvolvida em sua homilia, diz que todo sumo sacerdote é tirado do meio de seu povo e é colocado à frente dele em favor das pessoas nas coisas referentes a Deus (v. 1). O sumo sacerdote está em íntima relação com Deus, cuja característica fundamental é *Rahamim* (em hebraico, também traduzido por “misericórdia”). Então,

o sacerdote sabe ter compaixão, pois ele mesmo está repleto de fraquezas (v. 2). Ele oferece sacrifícios em expiação dos pecados do povo e dos seus (v. 3). Não há como se autoatribuir essa honra se não se é chamado por Deus, como Aarão, irmão de Moisés (v. 4). No v. 5, na construção da cristologia de Hebreus, seu autor relaciona o sacerdócio a Cristo por meio das palavras do Sl 2,7: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”. No v. 6, o autor conclui: “Como diz em outra passagem: tu és sacerdote para sempre, na ordem de Melquisedec” (Sl 109/110,3). Melquisedec, rei de Salém, cuja procedência é desconhecida, abençoou Abraão em Gn 14,18-20, recebendo dele o dízimo.

3. Evangelho (Mc 10,46-52)

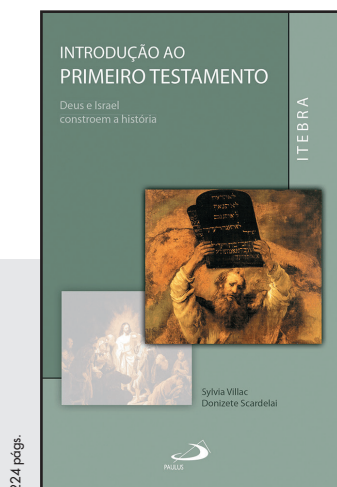
Na sequência do Evangelho de domingo passado, no qual Jesus afirma, no v. 45, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos, o texto deste domingo mostra Jesus saindo de Jericó, com seus discípulos e grande multidão que o seguia. Jericó é uma cidade antiga, que fica entre a Galileia e Jerusalém. Jesus estava a caminho de Jerusalém (Judeia), como Mc 10,1 nos pode indicar. Ao sair dessa cidade (v. 46), ele se encontrou com o filho de Timeu, Bartimeu, cego, mendigo, sentado à beira do caminho. Lembramos que Bartimeu não era o nome desse homem: em hebraico, *Bar* ou ainda *Ben* indicam filiação. Ele era filho de Timeu. Era um mendigo cego, que vivia na parte periférica da cidade, excluído, deixado de lado. Tinha, porém, ouvido dizer que Jesus, o Nazareno, estava passando e o procurou ativamente.

Em Mc 8,22-26, levaram o cego até Jesus. Agora, Bartimeu é quem toma a iniciativa, após terem lhe dito que Jesus estava passando por Jericó. Trata-se, na teologia marcana, de um processo progressivo de fé, o *crescendum* teológico, de uma fé que necessita de um salto para o encontro com Jesus, mesmo

Introdução ao Primeiro Testamento

Deus e Israel constroem a história

Sylvia Villac / Donizete Scardelai



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Oferece uma síntese da história de Israel. Não visa a uma exegese bíblica, mas busca disponibilizar um mapa amplo, prático e descritivo das principais etapas da trajetória de Israel.



Aponte a câmera do seu celular e confira o livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

loja.paulus.com.br

em meio à cegueira – a mesma que toma a consciência e o coração dos discípulos que o seguem pelo caminho, a ponto de, no domingo passado, terem pedido a Jesus para se sentarem com ele em sua glória, desconhecendo o verdadeiro sentido de sua vida messiânica, que é serviço. Outra característica contrastante com a dos discípulos é a disposição de Bartimeu de seguir Jesus, pois a narrativa assim conclui: “No mesmo momento, ele recuperou a vista e seguia Jesus pelo caminho”.

Jericó fica a 24 quilômetros a nordeste de Jerusalém e a 8 quilômetros a oeste do rio Jordão. Assim, a viagem que havia começado em Cesareia de Filipe, ocasião da profissão de fé realizada por Pedro, passa por Jericó antes de chegar a Jerusalém, onde Jesus vai finalizar sua missão e viver sua paixão e morte. No v. 47, o cego grita: “Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim” (piedade ou compaixão, segundo algumas traduções). Essa é a primeira aplicação pública do título messiânico “Filho de Davi” a Jesus. É o primeiro reconhecimento público, após o de Pedro, da verdadeira identidade messiânica de Jesus por um ser humano, e não por um demônio, como é comum em Marcos (cf. 5,7). O v. 48 afirma que todos à sua volta o repreenderam para que não gritasse. Além de não enxergar, desejavam que o homem emudecesse, cessando sua iniciativa de demandar compaixão e piedade junto a Jesus. A repetição do grito, entretanto, garante o sentido da fé, que se dirige confiante àquele que tudo pode: Deus mesmo. No v. 49, Jesus é quem toma a iniciativa: parou, mandou chamá-lo. Eles dizem a Bartimeu: “Coragem, levanta-te, ele te chama”. Os que o rodeiam são um tanto insensíveis, pois poderiam tê-lo ajudado a levantar-se. A intenção de Marcos, na verdade, é irônica, pois denuncia mais a fé do cego Bartimeu que a compreensão dos discípulos do que eles fazem no seguimento de Jesus.

A atitude do cego é daquele que está gradativamente adquirindo a autonomia da fé. Ele, por si mesmo, caminha ao encontro de Jesus. Nesse ponto, o v. 50 traz uma sucessão de verbos de ação: ele joga o manto, pois este já não é necessário nem lhe traz segurança; dá um pulo, uma espécie de salto na fé, pois já não pode ficar parado; e caminha até Jesus, como alguém que por si mesmo procura seu Senhor, pois a verdadeira forma de seguir Jesus é no caminho.

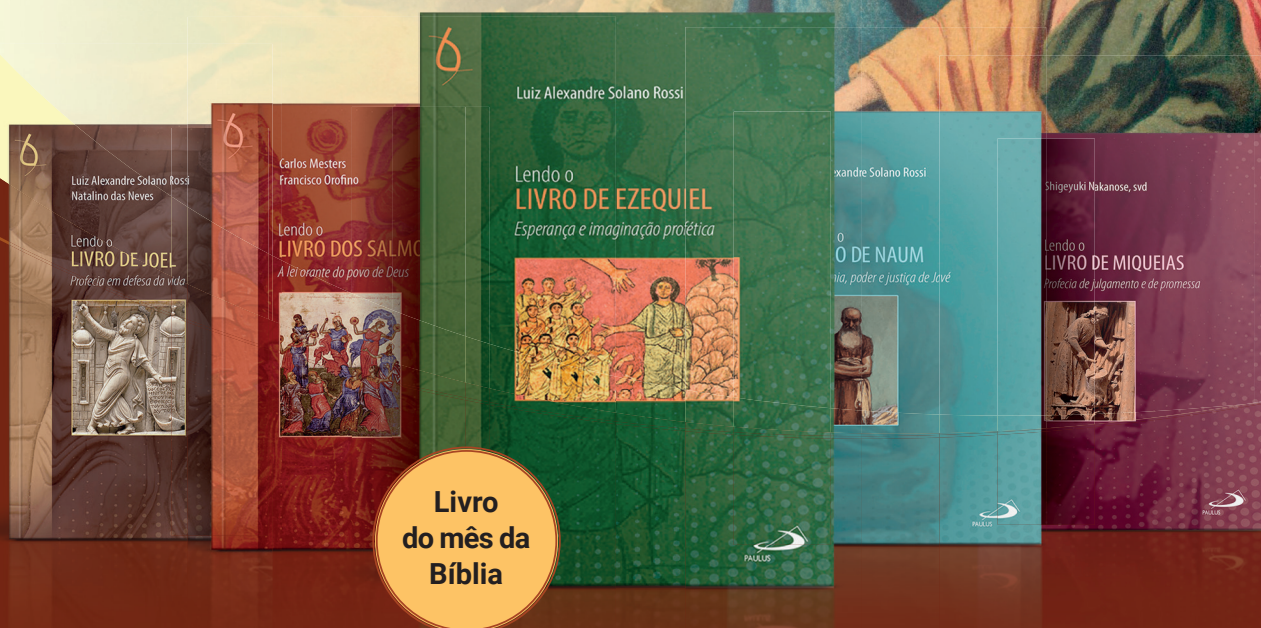
“O que queres que eu te faça?” (v. 51) é a contrapartida de Jesus. Essa pergunta proporciona a ocasião para uma profissão de fé sobre seu poder de cura: “Mestre, que eu veja”. O v. 52, “tua fé te salvou”, traz o verbo grego *sesóken*, também traduzido por “curou”. Jesus é o único que pode transmitir o poder de Deus; ele é o taumaturgo do Pai, que veio para curar o que estava doente. Ele veio restaurar não apenas a visão física, mas da fé; não apenas daquele homem, mas de todos os que o seguiam desde o dia em que foram convidados no mar da Galileia: “Segui-me, eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1,17). Romper a cegueira da falta de fé é condição *sine qua non* para seguir verdadeiramente Jesus. É necessário romper a incompreensão para reconhecer em Jesus o Servo de Deus que veio resgatar o mundo dos malefícios do pecado e da morte.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ajudar a comunidade cristã a compreender que o discipulado é um convite para seguir aquele que veio servir a humanidade e resgatá-la do pecado. Discernir que o sacerdócio batismal e o convite às vocações específicas nos levam a servir os irmãos e irmãs na comunidade cristã. Compreender que vivemos hoje muitas cegueiras que nos impedem de seguir Jesus Cristo como discípulos e discípulas.

vp

COLEÇÃO LENDO A BÍBLIA



Com linguagem acessível e explicativa, oferecemos a você um estudo abrangente dos textos sagrados, além da possibilidade de leituras atualizadas para a realidade contemporânea.

**Avance na leitura das Sagradas Escrituras
tendo essa coleção como guia.**

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus

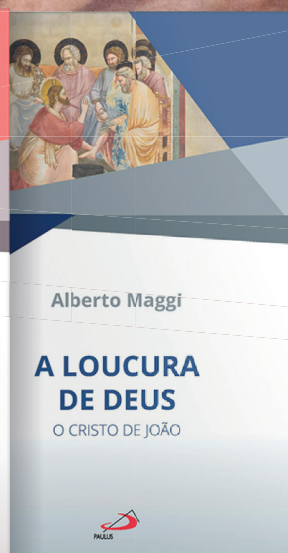
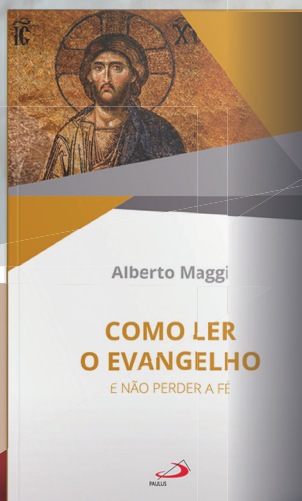


Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



**“AQUELE QUE
ME VIU,
VIU TAMBÉM
O PAI.”**

(Jo 14,9)



“Toda imagem de Deus, nascida da tradição religiosa, da espiritualidade, que não coincide com Jesus deve ser eliminada, por ser incompleta, limitada ou falsa.”

Trecho retirado da obra: *A loucura de Deus.*

loja.paulus.com.br
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS